

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Daniel de Castilhos Petracek

***A BLITZKRIEG, O PENSAMENTO MILITAR DE HEINZ GUDERIAN E SUAS
APLICAÇÕES EM BATALHAS DECISIVAS***

**Resende
2019**

Daniel de Castilhos Petracek

**A *BLITZKRIEG*, O PENSAMENTO MILITAR DE HEINZ GUDERIAN E SUAS
APLICAÇÕES EM BATALHAS DECISIVAS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Major Alexander Soares Elias

Resende
2019

Daniel de Castilhos Petracek

**A *BLITZKRIEG*, O PENSAMENTO MILITAR DE HEINZ GUDERIAN E SUAS
APLICAÇÕES EM BATALHAS DECISIVAS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

Alexsander Soares Elias, Maj
(Presidente/Orientador)

Durland Puppim de Faria, Cel/R1

Rafael Roesler, Cel

Resende
2019

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, que me guiou por este caminho, abrindo oportunidades para que hoje eu possa realizar meu sonho, tornar-me oficial do Exército Brasileiro e, também, aos meus pais e amigos que de alguma forma contribuíram com minha formação, devo agradecer a vocês por terem sempre me apoiado e me estimulado a nunca desistir de meus sonhos.

Dedico este trabalho também aos bravos combatentes, russos e alemães, que pagaram com o preço mais alto lutando por aquilo que acreditavam e tombaram defendendo seus países no episódio que este trabalho visa analisar. Estes bravos homens honraram suas pátrias e cumpriram juramento cavalariano que há na canção Arma de Heróis: *“Antes o sol sem eflúvio de luz, e sem calor, nos encontre no chão, a morrer do que vivos sem te defender!”*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de ter ingressado na AMAN e as condições necessárias para que eu tivesse persistência e não desistisse dos meus sonhos perante as dificuldades e que, deste modo, pudesse concluir meu maior sonho, me tornar oficial do Exército Brasileiro.

Agradeço também a minha família, principalmente meus pais, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando em todos os momentos, acreditando sempre no meu potencial e me dando a estrutura necessária para conseguir atingir meus objetivos de vida. Vocês são os principais responsáveis por hoje eu concluir o maior sonho da minha vida que é me tornar Oficial combatente da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro. Devo agradecer sobremaneira minha irmã, Viviane, por todas as vezes que me apoiou em momentos difíceis ou não. Um agradecimento muito especial devo à minha noiva, Daniele Balejo, que durante esses cinco longos anos de formação sempre esteve presente ao meu lado. Um obrigado muito especial ao meu primo Felipe, que sempre atentamente ouviu às explanações referentes a este trabalho. É razão de justiça agradecer a minha amiga Audra que, além de auxiliar na minha educação básica, pacientemente auxiliou no desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu orientador, Major Alexander, por todo o esforço e dedicação em auxiliar-me no desenvolvimento deste trabalho e por todo ensinamento e conhecimento que me transmitiu durante o período que foi um dos melhores professores que tive na minha jovem vida. Obrigado pela exemplar imagem de professor e militar que foi para este cadete. Sem seu auxílio, nada disso seria possível.

RESUMO

A *BLITZKRIEG*, O PENSAMENTO MILITAR DE HEINZ GUDERIAN E SUAS APLICAÇÕES EM BATALHAS DECISIVAS

AUTOR: Daniel de Castilhos Petracek

ORIENTADOR: Aleksander Soares Elias

Desde a unificação alemã através da Guerra Franco Prussiana (1870-71), a máquina de guerra alemã provou seu valor em campo de batalha por diversas vezes, mesmo amargando uma colossal derrota após o término da Primeira Guerra Mundial. Os militares alemães do período consideraram que tal guerra foi perdida no campo político, pois as forças militares no período da rendição germânica encontravam-se além das fronteiras originais do Reich. Sendo obrigados a assinar um desvantajoso acordo de paz, o sentimento de revanchismo não sairia facilmente do coração dos jovens oficiais alemães. Os militares daquela geração resolveram estudar os eventos que ocorreram no conflito que acabaram de perder, analisando os erros e acertos, tanto deles quanto dos seus inimigos e assim desenvolveram a nova doutrina militar que conquistaria a Europa: a *Blitzkrieg*.

O objetivo desse trabalho foi analisar como a correta observância da doutrina militar pode colaborar ou não para o sucesso nas operações, destacando assim os benefícios empregar profissionalismo militar para cumprir especificamente o que os princípios da doutrina rege, citando também as consequências negativas que tal falha pode trazer.

Com uma pesquisa bibliográfica dos fatos ocorridos no período entre guerras, referente ao desenvolvimento da doutrina alemã de guerra, foi destacado por este trabalho os três princípios que a doutrina alemã citava como essenciais para executar um ataque bem-sucedido com blindados. Este trabalho pesquisou e correlacionou como esses três princípios foram observados ou não durante o estudo de caso da maior batalha de blindados da história: a Batalha de Kursk.

Através da análise bibliográfica dos manuais hodiernos, esse trabalho fará a correlação dos princípios doutrinários antigos com os atuais, com o intuito de mostrar a ligação do presente com o passado e demonstrar os fatos analisados neste contexto para que sirvam de exemplo e conhecimento para que nosso Exército não venha cometer os mesmos erros.

Palavras-chaves: A Batalha de Kursk, Doutrina, Emprego de blindados.

ABSTRACT

THE *BLITZKRIEG*, THE MILITARY THINKING OF HEINZ GUDERIAN AND THEY APPLICATION IN DECISIVE BATTLES

AUTHOR: Daniel de Castilhos Petracek

ADVISOR: Alexsander Soares Elias

Since the german unification, after the Franco-Prussian War (1870-71), the german war machine proved its value in the battlefield many times, despite of going through a colossal defeat after World War I. The german military at that time believed that the war was already lost in the political field, once germans troops were beyond the original Reich borders. Revenge feelings would not take off from the heart of the young german officcers so soon, because they had to sign a bad peace agreemet. That generation of officcers was decided to study the events prior to the war that they have just lost, analysing errors made by them as well as by their enemies and thus developing the new military doctrine that would eventually conquer Europe: the *Blitzkrieg*.

The main objctive of this project was to analyse how following the rules of military doctrine may collaborate or not to the sucess of military operations, thus highlighting the benefits of using military professionalism to follow exactly the doctrines principles, considering the bad consequences that mistake can do too.

Making a bibliographical research on the facts ocurred between both World Wars concerning the development of german military doctrine, the three principles of the german military doctrine, viewed as essential for a successfull tank attack, were highlighted for this project . This document researched and correlated how these three principles were followed (or not) during the case study of the biggest battle of tanks of history: The Battle of Kursk.

Through bibliographical analysis of nowadays manuals, this project is intended to show the correlation between the old and new doctrinal principles, with the intention to show how past and present are connected and to demonstrate the facts analysed in this context in order to serve as an example as well as knowledge so that our Army does not commit such mistakes.

Keywords: Doctrine, The Battle off Kursk, Employment of Tanks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Operação Citadel e o saliente de Kursk.....	14
Figura 02 – Manobra de Manstein.....	35
Figura 03 – Tempo para preparação de posição defensiva.....	46
Figura 04 – Comparação entre T-34 e o <i>Tiger</i>	47
Figura 05 – Densidade de forças da posição defensiva em Kursk.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

%	Percentual
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
C Mec	Cavalaria Mecanizada
Cm	Centímetros
Cmt	Comandante
KM	Quilômetros
KM/H	Quilômetros por hora
MITeMeT	Missão Inimigo Terreno Meios e Tempo
OKW	<i>Oberkommando der Wehrmacht</i>
Mm	Milímetros
Pel	Pelotão
PTOP	<i>Protivotankovye Opornye Punkty</i>
PzKw	<i>Panzerkampfwagen</i>
RAF	<i>Royal Air Force</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VBRL	Viatura Blindada de Reconhecimento Leve
VTL	Viatura de Transporte Leve

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS.....	17
1.1.1 Objetivos Gerais.....	17
1.1.2 Objetivos Específicos.....	17
1.2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2 O PENSAMENTO MILITAR DE HEINZ GUDERIAN	19
2.1 A <i>BLITZKRIEG</i>	21
2.2 OS TRÊS FUNDAMENTOS DE GUDERIAN	22
3 O EMPREGO DA MASSA E A CONSTITUIÇÃO DE RESERVAS	25
3.1 A SITUAÇÃO DAS TROPAS DA <i>WEHRMACHT</i> NA FRENTE ORIENTAL.....	29
3.1.1 A Operação Barbarossa.....	31
3.1.2 A Batalha de Stalingrado.....	31
3.1.3 A Retirada de Kharkov.....	34
3.1.4 O Mar Mediterrâneo.....	37
3.2 A CONSTITUIÇÃO E O EMPREGO DAS RESERVAS NA BATALHA DE KURSK...38	
3.2.1 O Emprego da Reserva na Batalha de Kursk pela Ótica Alemã.....	38
3.2.2 O Emprego da Reserva na Batalha de Kursk pela Ótica Russa.....	40
4 O TERRENO, A MOBILIDADE E O AVANÇO IRRESISTÍVEL	42
4.2 O TEMPO CEDIDO PARA A PREPARAÇÃO DA POSIÇÃO DEFENSIVA.....	45
4.3. O TERRENO PREPARADO PARA KURSK.....	49
5 A SURPRESA, A RAPIDEZ E A AÇÃO DE CHOQUE	53
5.1 A SURPRESA EM KURSK.....	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos movidos pelo combate sempre foram notáveis durante os séculos, principalmente após o acontecimento da revolução industrial ocorrida em primeiro momento na Inglaterra e depois difundida pela Europa. A busca pela criação de armamentos e equipamentos melhores foi constante desde os combates mais antigos. O desenvolvimento de catapultas e armas de assalto pelos romanos – dois avanços militares consideráveis para a época – é um bom exemplo (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 47). Tal tendência se perpetua aos dias hodiernos, nos quais potências bélicas investem anualmente bilhões de dólares em armamentos paulatinamente mais sofisticados, e indubitavelmente esteve presente durante as duas Grandes Guerras.

O começo do século XIX, que muitos historiadores classificam como a “Belle Époque”, continha o cenário ideal para o avanço armamentista, visto que os europeus possuíam uma economia sólida. Soma-se a isso o fato de que as potências europeias da época, como Inglaterra, França, e Alemanha estavam em constantes atritos devido ao imperialismo. Sendo assim, era indispensável o investimento em tecnologia bélica. O grande problema desta conjuntura é que os militares daquela época não tiveram a oportunidade de desenvolver seus equipamentos enquanto estavam em luta, visto que o último combate de grande vulto na Europa havia sido a Guerra Franco Prussiana (1870-71). Isto resultou em um período no qual as doutrinas militares pouco avançavam, mas que os armamentos evoluíam em escala estratosférica, o que levaria a um sangrento confronto (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 235). Sobre o período, Burns destaca:

Entre 1871 e 1914 a Alemanha livrara-se nas alturas do prestígio político e cultural. Até 1900, pelo menos, foi a principal potência do continente europeu. Suas universidades, sua ciência, sua filosofia e sua música eram conhecidas e admiradas no mundo inteiro. Atingira também fabulosa prosperidade, e em 1914 havia ultrapassado a Inglaterra e os Estados Unidos em vários setores de produção industrial (BURNS, 1952, p. 424).

Dentro desse quadro de desenvolvimento desigual entre doutrinas e armamentos, eclodiu a Primeira Grande Guerra devido ao revanchismo mútuo entre alemães e franceses, herdado da Guerra Franco Prussiana e às divergências europeias a respeito da divisão do continente africano, além de outros motivos que este trabalho não procura esclarecer. A Primeira Guerra Mundial ceifou a vida de milhões de soldados devido aos exércitos possuírem uma doutrina incompatível com o armamento disponível na época. Com o desenrolar do confronto, os Generais de ambos os lados perceberam que a forma mais eficaz

de se proteger e de barrar o avanço inimigo era a instalação de obstáculos e a construção de trincheiras, tornando assim essa guerra uma grande batalha estática. Entretanto, o desenvolvimento tecnológico não cessava e os exércitos aliados criaram uma máquina que alteraria a de combater: o blindado (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 250).

Com o auxílio de suas máquinas de guerra, os Aliados vencem tal confronto e estabelecem o que foi, na prática, um humilhante e perigoso armistício. Como apontaria o Marechal francês Ferdinand Foch “Isso não é paz. Isso é um armistício por vinte anos” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 261). Tal acordo, O Tratado de Versalhes, não permitia o desenvolvimento de equipamentos miliares por forças alemães, impunha uma drástica redução nos efetivos militares alemães e o pagamento de espólios de guerra que sufocaram a economia do país (LACERDA; SAVIAN, 2015).

No período entreguerras, muitos oficiais que combateram durante a Primeira Guerra estudaram e desenvolveram doutrinas. Dentre eles se destaca o Marechal alemão Heinz Guderian, que em 1937 publicou o livro *Achtung Panzer*. Neste trabalho o oficial alemão sugeria o largo emprego de bombardeios, de meios blindados e ataques concentrados em pontos fracos específicos no dispositivo de defesa inimigo. Sendo assim, seria possível penetrá-lo e envolver a retaguarda do inimigo, utilizando-se da grande mobilidade e rapidez das suas tropas blindadas (GUDERIAN, 2009). A estratégia militar de Guderian ficou conhecida como *Blitzkrieg*, traduzido do alemão significa guerra relâmpago, em alusão à velocidade das tropas blindadas alemãs. Lacerda e Savian destacam que:

O diferencial principal entre as forças armadas adversárias, no entanto, estava centrado nos processos de combate empregados. Os alemães utilizavam a “Blitzkrieg”, que consistia no emprego combinado da aviação e de unidades blindadas, motorizadas e a pé, em ações coordenadas por comunicação com rádio e marcadas pela surpresa e rapidez (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 270).

Com a ascensão do Partido Nacional-Socialista na Alemanha desde a década de 1920, as tensões no cenário político europeu começaram a crescer novamente, pois Hitler, utilizando-se do desespero, patriotismo e outros sentimentos do povo alemão, viria a desenvolver uma política externa agressiva na década seguinte. A conjuntura tornava-se perigosa, pois neste mesmo período de aumento significativo de atritos entre países do velho continente, Hitler secretamente preparava-se para um combate em larga escala. Tendo em vista que conseguira, com auxílio dos russos, desenvolver sua doutrina militar, bem como seus equipamentos necessários para empregá-la (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 264).

Como forma de justificar o descumprimento das normas do Tratado de Versalhes sobre

a militarização alemã no período entreguerras, Hitler afirmava que a Alemanha deveria ser uma potência. Para transformá-la e atingir este objetivo, o *Führer* baseou-se em teorias geopolíticas. Tais como a da Pan Regiões, desenvolvida pelo Alemão Karl Haushofer que afirmava que a Alemanha deveria liderar a região da Euro áfrica. Porém para ser capaz que tal feito, segundo outro geopolítico da época o também alemão Friedrich Ratzel, era necessário conquistar o *Lebensraum*, ou seja, o espaço vital para o desenvolvimento alemão (KAPLAN, 2013).

O Chanceler alemão aproveitou-se também do sentimento do Pangermanismo, ou seja, o ideal de união dos povos germânicos em um único estado para iniciar a expansão territorial alemã que resultaria no maior conflito armado da história (MELLO, 1999). Bem como utilizou o sentimento de revolta das forças armadas e de boa parte da população pela perda da Primeira Guerra. Sobre isso, Burns observou:

Em primeiro lugar, há a considerar o sentimento de humilhação oriundo da derrota na guerra.[...] Veio então o golpe esmagador de 1918. O país despenhou-se do seu pináculo e ficou à mercê de inimigos poderosos. Isso era incompreensível para o povo alemão, que não podia acreditar que os seus invencíveis exércitos tivessem realmente fracassado no campo de batalha. Difundiu-se rapidamente a lenda de que a nação fora “apunhalada nas costas” pelos socialistas e judeus do governo (BURNS, 1952, p 424).

Motivado por esses temas, além do sentimento de revolta vindo tanto dos militares como de boa parcela da população devido ao humilhante tratado de Versalhes, Hitler desencadeou seu expansionismo territorial sem medir as possíveis retaliações de outros países, principalmente da França. A consequência foi a Segunda Grande Guerra, segundo Lacerda Savian “a Segunda Guerra Mundial começou a delinear-se na década de 1930, quando os líderes do Japão, Itália e Alemanha deram início a uma política de expansão territorial” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 269).

Com sua nova doutrina denominada *Blitzkrieg* e um quadro de oficiais muito qualificados, a performance da Alemanha no início da guerra foi devastadora, engolindo países e praticando manobras consideradas por outros exércitos como simplesmente impossíveis. A violência, o arrojo e a audácia dos alemães foram tamanhos que a Europa foi forçada a “dobrar-se de joelhos”, como outrora fizera Napoleão (LACERDA; SAVIAN, 2015).

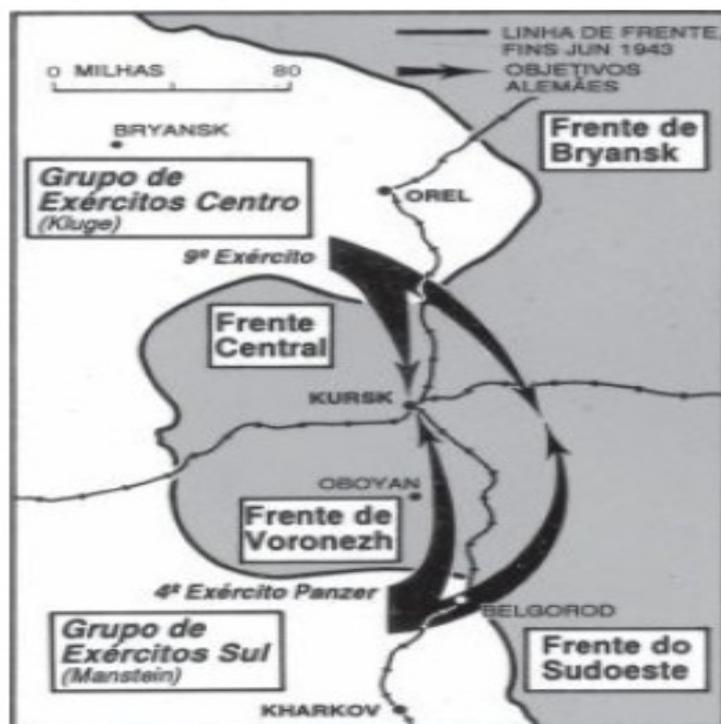
Este avanço foi irresistível até a invasão da Rússia que, após uma série de batalhas, dentre elas este trabalho destaca a Batalha de Stalingrado, levaram a uma conjuntura que criou um saliente dentro da linha defensiva alemã.

Esse pequeno saliente era na localidade de Kursk, e a luta pela conquista dele foi o palco para a maior batalha de blindados da história, segundo a Coletânea 70º Aniversário da II Guerra Mundial, “tem-se repetido regularmente que Kursk foi a maior batalha de tanques da história. Embora alguns autores tenham questionado tal afirmação, não há dúvida de que essa localidade foi palco de um gigantesco choque entre forças blindadas” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 32).

Este trabalho se propõe a analisar esta que foi uma das mais importantes batalhas da história humana, embora pouco conhecida pelo público por ser na frente russa e não ter tanto interesse em americanos e britânicos de retratar esse episódio. Segundo a Coletânea 70º Aniversário da II Guerra Mundial, “A Batalha de Kursk não está entre as mais conhecidas pelo público, mais familiarizado com outros combates que ocorreram na Segunda Guerra Mundial. No entanto, para muitos especialistas em história militar, Kursk foi o confronto decisivo na guerra” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 31).

O plano de ataque da Operação Citadel, que era a conquista de Kursk, era muito simples, seria um duplo desbordamento executando uma investida em forma de pinça, objetivando atacar a cidade simultaneamente por norte, através do IX Exército, e por sul, através do IV Exército *Panzer*. Retirada da obra de Barnett, segue imagem:

Figura 01 – Operação Citadel e o saliente de Kursk



Fonte: BARNETT (1990)

Ainda sobre os planos de batalha, segundo Cross:

No norte, na frente de Kluge, o IX Exército deveria atravessar as defesas russas entre a estrada Orel-Kursk [...]. Depois de assegurar esse objetivo, o IX exército e elementos do II Exército *panzer* seriam empenhados em um ataque concêntrico para fechar o saliente [...] No sul, na frente de Manstein, o IV Exército *Panzer* deveria [...] avançar através das posições inimigas no setor sul da linha Belgorod-Gertsovka [...] e forçar caminho através de Oboyan para se juntar ao IX exército, ao norte de Kursk e fechar o saliente (CROSS, 2008, p. 148).

Em ambas as frentes as tropas alemãs avançaram consideravelmente, porém foram desgastados e sofreram pesados contra-ataques. Como observou Cross em seu livro “IX Exército eram agora presos rapidamente ante as últimas linhas de defesa de Rokossovsky, as quais eles foram incapazes de romper por ataque frontal. A jornada morro abaixo até Kursk mostrava-se agonizantemente além do alcance da armada de Model” (CROSS, 2008, p. 187).

O estudo da história é algo magnífico, pois é perceptível como as consequências de diversos eventos conduzem a uma situação específica, no caso deste trabalho o objeto de estudo é a análise dos aspectos doutrinários que levaram à *Wehrmacht* perder a Batalha de Kursk. Para isso é necessária a compreensão de como funcionava a doutrina da época, e ao longo do trabalho se perceberá correlações muito estreitas com a doutrina atual, obviamente não no sentido de meios empregados, mas de fundamentos e princípios de guerra. Sendo assim, a temática principal deste trabalho é a análise e compreensão do pensamento militar alemão da época, sua aplicabilidade em batalhas decisivas, bem como uma comparação com o pensamento militar hodierno.

Analisando diversos assuntos é importante problematizar a questão: Quais foram os motivos doutrinários que levaram ao fracasso a devastadora máquina de guerra alemã na Batalha de Kursk?

Essa pesquisa propõe a analisar a correspondência dos fatores que conduziram a Alemanha à derrota em Kursk, procurando descrever e comparar os fundamentos e princípios bélicos da época com os atuais, e quais possíveis erros doutrinários que não permitiram os alemães de vencer sua força oponente. Sendo assim, este trabalho justifica-se em colher ricos ensinamentos de como, mesmo uma potente força militar, pode ser derrotada se utilizar-se de improvisos, jogos de ego e não respeitar estritamente os fundamentos e princípios previstos em sua doutrina. E a sua relevância reside no fato de que esses ensinamentos podem colaborar para que o Exército Brasileiro não venha cometer tais erros.

Este trabalho será dividido em três partes, sendo esta introdução, quatro capítulos, além das considerações finais. Para que seja de melhor compreensão a aplicabilidade do

pensamento militar de Guderian em batalhas decisivas, o primeiro capítulo será dedicado a uma curta biografia deste marechal alemão, bem como a explicação teórica básica da *Blitzkrieg* e alguns casos práticos na qual esta foi aplicada. No final do referido capítulo serão abordados os três princípios básicos, segundo Guderian, para que um ataque de blindados obtivesse êxito: o emprego da massa, a utilização de um terreno favorável e o emprego do elemento surpresa.

Os outros três próximos capítulos abordarão respectivamente os fundamentos de Guderian, procurando explicitar como os alemães pensavam na época; correlacionando com a doutrina brasileira atual; e analisando como cada fator foi empregado ou não durante o maior conflito entre blindados da história: A Batalha de Kursk. Sendo que nas considerações finais que serão abordados com mais detalhes se houve ou não o respeito aos princípios de Guderian.

O primeiro fundamento a ser analisado será o emprego da massa, na qual terá destacada observância para a constituição de uma reserva estratégica inserida nessa concentração. Sendo assim, será analisado neste capítulo os antecedentes a batalha e a conjuntura geral militar da Frente Leste alemã durante a Segunda Guerra Mundial, para que seja possível perceber as dificuldades alemãs de constituir uma poderosa reserva operacional. Após essa análise, este capítulo abordará como cada um dos exércitos envolvidos em Kursk, a *Wehrmacht* (Alemanha) e a *Stavka* (Rússia) empregaram suas reservas operacionais durante o planejamento e execução do combate, bem como se o emprego da reserva teve ou não destaque no resultado final da batalha.

O próximo fundamento a ser estudado será a utilização de terreno favorável, correlacionando como este favorece a mobilidade e o avanço irresistível da *Blitzkrieg*. Após a apresentação do fundamento, será discorrido de que forma os russos prepararam o campo de batalha, bem como o porquê dos germânicos terem cedido tempo necessário para que os soviéticos estivessem prontos.

O último fundamento a ser abordado neste trabalho será o emprego do elemento surpresa. É de suma importância a compreensão do capítulo referente ao uso do terreno para que se possa aproveitar o estudo sobre o emprego da surpresa, visto que esses dois fundamentos estão correlacionados. Haverá a abordagem sobre a conexão entre rapidez, surpresa e a ação de choque, mostrando como os alemães as empregava em campo de batalha. Visto que há correspondência entre os fundamentos de Guderian com os manuais hodiernos,

este capítulo observará os principais aspectos que a doutrina atual cita como importantes para a obtenção da surpresa e verificará se esses requisitos foram respeitados em Kursk.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Observar como foi derrotado o maior trunfo da *Wehrmacht*: a utilização de blindados, regida pelas normas da *Blitzkrieg*.

1.1.2 Objetivos específicos

Analisar as principais razões doutrinárias que levaram ao fracasso a intenção alemã de eliminar o saliente de Kursk; e se houve ou não o cumprimento dos três fundamentos básicos de Heinz Guderian: o emprego da massa, a utilização de um terreno favorável e o emprego da surpresa. Não obstante, correlacionar o pensamento militar de Heinz Guderian com o prescreve a doutrina atual do Exército Brasileiro.

1.2 REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em vista que este trabalho analisa fatos históricos, é de suma importância a utilização de autores que escreveram sobre a história da humanidade ou da guerra de forma mais abrangente e generalista. Sendo assim este trabalho utilizou a obra de Edward Mcnall Burns, de 1952, intitulada a “História da Civilização Ocidental” no seu segundo volume, por tratar-se de uma obra que permite uma visão geral dos fatos ocorridos no período. Outra obra generalista usada neste trabalho, porém com ênfase no tema militar, é a obra de Lacerda e Savian, intitulada “Introdução ao Estudo de História Militar Geral” escrita em 2015 e utilizada pela Cadeira de História da AMAN. Em consonância com observação geral dos fatos, porém voltada para planos estratégicos militares, este trabalho utilizou também a obra do Departamento de História do Exército Americano, intitulada “As Grandes Decisões Estratégicas” escrita em 2004. Com essas três obras, é possível ter a leitura da conjuntura geral dos fatos a serem analisados.

Para que seja possível compreender o pensamento militar alemão da época, este trabalho utilizou duas obras. A primeira é uma versão traduzida por historiadores ingleses, com uma pequena análise dos mesmos no primeiro capítulo, da obra de Heinz Guderian denominada *Achtung Panzer*, que veio mais tarde colaborar com a doutrina alemã que seria

conhecida por *Blitzkrieg*. A segunda obra é uma união de vários autores, organizada por Correlli Barnett, denominada “Os Generais de Hitler” escrita na década de 1990, descreve o pensamento militar e a personalidade dos principais generais alemães que atuaram na Segunda Guerra Mundial.

Para poder fazer a comparação do pensamento militar da época com o pensamento militar atual, é necessário a utilização dos manuais atuais. Pelo fato deste trabalho versar sobre o emprego de carros de combate, que no exército brasileiro estão concentrados na Cavalaria, será utilizado o manual “C 2-1: Emprego da Cavalaria”. O “C 100-5: Manual de Operações” que estava em vigor até 2017, traz de forma simples conceitos importantes para essa pesquisa que compara o pensamento militar de Guderian com os conceitos atuais, pelo fato do referido manual ter saído de vigor há apenas dois e considerando que este trabalho analisa fatos que ocorreram há mais de 75 anos, pode-se considerar o documento em questão atual. Os manuais que vieram para substituir o C 100-5, o “EB70-MC-10.202: Operações Ofensivas e Defensivas” e o “EB70-MC-10.203: Operações”, também serão alvo de estudo dessa pesquisa.

Tendo em vista que este trabalho utiliza a Batalha de Kursk como estudo de caso da aplicabilidade ou não do pensamento militar de Guderian, torna-se necessária a pesquisa bibliográfica em livros do assunto. Sendo assim este trabalho utilizará a obra de Robin Cross intitulada “Citadel: A Batalha de Kursk” escrita em 2008 e que relata de forma detalhada os fatos que ocorreram no referido confronto. Outra obra utilizada nesse contexto será o livro dedicado à Batalha de Kursk da coletânea “70º Aniversário da II Guerra Mundial”, obra de 2009, escrita por Cardona e Jurado que retrata de forma mais ampla os acontecimentos dessa batalha.

2 O PENSAMENTO MILITAR DE HEINZ GUDERIAN

Visto que o tema deste trabalho é descrever os motivos que levaram a *Wehrmacht* a perder o conflito de Kursk durante a Segunda Guerra Mundial, é imprescindível que se estude a doutrina militar utilizada pelos alemães naquele momento: a *Blitzkrieg*.

Seu autor, Heinz Guderian, nascido na Prússia, no dia 17 de junho de 1888, foi um dos mais famosos Generais Alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Teve destacada atuação não só como comandante de forças blindadas, mas também no desenvolvimento da doutrina do emprego de blindados utilizados pelos alemães na década de 1930, quando escreveu seu livro denominado *Achtung Panzer* (BARNETT, 1990, p. 420).

Durante o período entre guerras, os oficiais que combateram nos lamacentos campos da primeira guerra mundial, começaram a desenvolver estudos sobre como seria os conflitos do futuro. Nestes, inseriu-se o emprego dos blindados, sendo que, segundo Lacerda e Savian, “alguns países deram grande importância, outros não, ao aperfeiçoamento de aviões, armamentos, equipamentos de comunicações e viaturas blindadas e motorizadas” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 266). A Alemanha foi um desses países que entendeu a importância dos carros de combate, porém após o Tratado de Versalhes imposto aos alemães pela perda da Primeira Guerra Mundial, houve diversas restrições quanto a efetivos e meios militares, segundo Burns “foi-lhe proibido ter qualquer aviação militar ou naval e limitou-se o seu exército a 100.000 homens, entre oficiais e soldados, os quais seriam recrutados por alistamento voluntário” (BURNS, 1952, p. 405).

Entretanto, os Oficiais alemães continuaram a desenvolver doutrina e meios com auxílio dos russos através de acordos militares secretos, segundo Lacerda e Savian “As restrições do Tratado de Versalhes, no entanto, não surtiram os efeitos desejados, pois foram ludibriadas pelos alemães, que firmaram acordos militares secretos com os soviéticos” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 266). Sendo que um desses oficiais que trabalhou arduamente na reestruturação e modernização do *Wehrmacht* foi Heinz Guderian através da sua obra *Achtung Panzer*. Sobre esse período, Barnett destaca:

A modernização tornou-se o tema. Em 1922 encarregaram-no da missão vital de estudar a questão da motorização em tanques, proibidos ao Exército, um desafio que aceitou com entusiasmo característico. [...] Leu tudo o que pôde encontrar sobre o assunto e começou a fazer palestras, até tornar-se uma autoridade em guerra mecanizada, e em tanques, em particular. A maior parte de tudo isso era teórica, embora ele inspecionasse alguns tanques que, com perícia alemã, estavam sendo produzidos secretamente na Suécia, Rússia e em fábricas alemãs (BARNETT, 1990, p. 422).

Procurando desenvolver a modernização da *Wehrmacht* e analisando o que ocorreu na Primeira Guerra Mundial, com a forma com o qual os ingleses e franceses usaram carros de combate, Heinz percebeu que a única forma de vencer conflitos após a Primeira Guerra Mundial seria através dos blindados. Segundo historiadores ingleses, Guderian “procura demonstrar que, somente por meio do uso inteligente das formações blindadas, os alemães poderiam obter vitórias rápidas e decisivas em guerras futuras” (GUDERIAN, 2009, p. 9). Heinz tinha convicção de que o blindado seria insubstituível na guerra, conforme Barnett, Guderian “baseando as conclusões sobre o tema do ‘soco dinâmico’ (*Stosskraft*), no qual, disse, o soco dinâmico das futuras unidades de batalha seria desfechado pelo tanque e não, como no passado, pela baioneta, a metralhadora ou a artilharia” (BARNETT, 1990, p. 422).

Guderian escreveu também de que forma as forças blindadas alemãs deveriam ser organizadas e empregadas. Sugeriu a criação de uma nova arma, a *Panzer* (traduzido do alemão significa blindado), que deveria possuir a contribuição das demais armas e não de ser utilizada como apoio. Segundo relato de historiadores ingleses, “ele não diz que os carros de combate podem fazer tudo sozinhos. As formações blindadas, diz ele, devem ser grande e incluir outras armas, como infantaria e a artilharia” (GUDERIAN, 2009, p. 20). Foi um grande diferencial na época, pois procurou inovar a forma de utilizar os meios blindados para conseguir vitórias rápidas. Conforme destaca Barnett em sua obra:

Com esse enunciado, ampliado em numerosas conferências e debates e em seu livro de propaganda de 1937, *Achtung! Panzer!*, Guderian não só resumiu a doutrina básica das tropas blindadas rápidas modernas, mas passou à frente de britânicos e franceses, cujas divisões blindadas experimentais assemelhavam-se às *panzers*, mas cujos conceitos estratégicos e táticos ficavam aquém do ideal alemão. Constitui a maior de todas as homenagens à pregação carismática de Guderian que ele tenha conseguido, em 1935, aprovação para formar três divisões *panzer* (BARNETT, 1990, p. 424).

Conforme a análise de historiadores ingleses, “Guderian estava certo de que [...] a cavalaria, como força combate, entrara em declínio. Estava também certo [...] a aguda fraqueza da infantaria na ofensiva, uma fraqueza que mesmo o apoio maciço de artilharia não foi capaz de compensar” (GUDERIAN, 2009, p. 18). Através da análise dos combates ocorridos nas trincheiras, Guderian percebeu que para vencer a guerra: seria necessário o apoio blindado à infantaria e que a cavalaria já não conseguiria cumprir de forma satisfatória suas missões se dependesse do nobre amigo, forma carinhosa à qual o cavalariano se refere ao cavalo. Sendo assim ele desenvolveu uma doutrina voltada para o emprego de carros de combate, que será estudada no próximo subitem.

2.1 A *BLITZKRIEG*

Sua obra acabou resultando no que mais tarde foi denominada “Guerra Relâmpago”, devido a sua rapidez e agressividade. A forma de combate que Guderian defendia e posteriormente empregou na conquista da Polônia possuía como intuito básico concentrar o ataque em um ponto fraco do dispositivo inimigo e abrir brechas. Para tal era necessário a pressão em toda a frente inimiga para reconhecer os pontos fracos e fortes a fim de atacar o ponto débil. Após a passagem pelos pontos fracos, as tropas cercavam os pontos fortes, que sem opções acabavam por se render. Segundo Lacerda e Savian:

Tropas terrestres pressionavam toda a frente inimiga (reconhecimento em força) para localizar os pontos fortes e fracos do dispositivo inimigo. Feitos os reconhecimentos, poderosas investidas blindadas eram realizadas para abrir brechas de 2 a 3 km nos pontos fracos. Os pontos fortes eram desbordados, para posterior destruição (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 271).

Essa nova doutrina foi incorporada ao Exército Alemão, tendo ilustres admiradores, como o Marechal Erwin Rommel, que após demonstração da eficácia da *Blitzkrieg* percebeu a força que os *panzers* possuíam, segundo relatado na obra de Barnett, “tendo observado o *Blitzkrieg* em ação na Polônia, Rommel pediu uma divisão blindada. Hitler concordou” (BARNETT, 1990, p. 305). Um dos mais famosos e lendários generais alemães, Rommel, utilizava constantemente e de forma magistral os princípios que Guderian escrevera. Segundo ainda na obra do mesmo autor supracitado:

Em uma campanha de seis semanas de duração, Rommel capturou o espantoso total de quase 100 mil prisioneiros e mais de 450 tanques. Perdeu 682 soldados mortos em ação, 1.646 feridos, 296 desaparecidos e 42 tanques. Ninguém conduziu o *Blitzkrieg* com tal segurança, equilíbrio e rapidez. A foto de Rommel apareceu em toda parte na Alemanha, e seu nome estava em todos os lábios (BARNETT, 1990, p. 307).

Heinz Guderian analisou como os aliados utilizaram seus blindados durante a Primeira Guerra. Partindo desse estudo ele projetou um quadro para o futuro dos carros de combate e constatou que dois fundamentos da arte da guerra seriam fundamentais para empregar blindados de forma exitosa: a surpresa e o emprego da massa. Para que seja possível empregar blindados em massa, é óbvio que sejam necessárias estradas ou algum terreno que permita o trânsito de viaturas pesadas. Sendo assim, Heinz afirmava que “três condições eram consideradas necessárias para o sucesso de um ataque de blindados: terreno favorável, emprego em massa e surpresa” (GUDERIAN, 2009, p. 92). Em resumo, a doutrina de guerra alemã, consistia em:

Caso tivesse que romper uma posição defensiva inimiga fortemente defendida, então, no futuro, as divisões blindadas pesadas deverão abrir o caminho para os carros leves e para as tropas motorizadas e a cavalo que vêm atrás delas. [...] De qualquer modo, os combates de encontro serão realizados com a participação dos carros de combate, em terreno favorável e nas batalhas nas quais as forças blindadas façam a diferença e não ao contrário (GUDERIAN, 2009, p. 184).

Essa doutrina foi extremamente eficaz nos campos de batalha europeu, porém Guderian percebeu que para um ataque com carros de combate ter êxito e por consequência a *Blitzkrieg* funcionar eram necessários o respeito a alguns fundamentos.

2.2 OS TRÊS FUNDAMENTOS DE GUDERIAN

Este trabalho abordará neste capítulo de que forma Heinz Guderian abordou os três princípios para o sucesso de um ataque blindado, que são eles: emprego da massa, terreno favorável e a surpresa. Será feita a correlação desses princípios com o que os manuais hodiernos citam a respeito dos princípios de guerra, bem como tanto a parte teórica escrita pelo Marechal Heinz, como exemplos da utilização em batalha pelos generais alemães.

Além do pensamento militar da época, é importante analisar o que os chefes militares pensam atualmente, pois os conhecimentos consolidados nos dias atuais nada mais são do que o resultado de experiências empregadas em conflitos passados. Perceberemos a correlação dos conceitos de Guderian com os dos manuais hodiernos através do estudo dos princípios de guerra que, segundo Manual de Operações do Exército Brasileiro, C 100-5, “são normas básicas de procedimento, consagradas pela experiência, que visam ao sucesso na condução da guerra” (BRASIL, 1997, p. 4-1).

Os princípios de guerra que o C 100-5 elenca como princípios básicos são: 1º Objetivo; 2º Ofensiva; 3º Manobra; 4º Massa; 6º Unidade de Comando; 7º Segurança; 8º Surpresa e 9º Simplicidade (BRASIL, 1997, p. 4-1). Porém os 1º, 5º, 7º e 9º fundamentos não serão alvos de estudo deste trabalho, pois não possuem acentuada relevância para a compreensão das doutrinas militares que serão explicitadas no decorrer desta pesquisa.

Este trabalho explicitará em primeiro momento o princípio da Ofensiva e da Unidade de comando, pois, embora importantes para a doutrina alemã, este não possuem correspondência direta com os três princípios básicos de Guderian.

Para vencer qualquer confronto é imprescindível a postura ofensiva, pois apenas dessa forma é possível possuir a iniciativa das ações e a conquista de objetivos, conforme manual do Exército Brasileiro: “a ação ofensiva é inerente à própria finalidade de uma força militar”

(BRASIL, 1997, p. 4-2). A ação ofensiva no campo de batalha permite tirar a liberdade de ação do inimigo, deixando-o vulnerável para que a força atacante aproveite suas falhas para causar-lhe baixas, quando esta ação é concluída, ocorre o abalo moral no inimigo que pode levar à capitulação deste. A busca pela iniciativa deve ser constante, sendo assim, uma força militar, que foi obrigada a defender-se, deve por todas as formas reverter a situação e buscar a retomada da ofensiva (BRASIL, 1997). Como pode-se observar na preparação e planejamento por parte dos russos na Batalha de Kursk: “apesar de ter dado maior ênfase na defensiva estratégica da luta, em Kursk, ela estava ligada à contra-ofensiva (sic) para ser lançada, uma vez que o poderio alemão tivesse sido gasto nas defesas dos salientes” (CROSS, 2008, p. 144).

Heinz Guderian utilizou-se o princípio da unidade de comando para defender a criação de uma arma que lidasse apenas com as forças *panzers*, pois desta forma teria a unidade de esforços nas mãos de apenas um comandante, pois segundo C 100-5 “a Unidade de Comando é caracterizada, primordialmente, pela atribuição da autoridade a uma só pessoa, ou seja, a pessoa do Comandante” (BRASIL, 1997, p. 4-4). A unidade de comando tinha importância para os alemães, pois com as forças blindadas em apenas uma comandante, este teria a capacidade de efetuar ataques específicos sozinho, com Guderian destaca em *Achtung Panzer*:

A Alemanha tem atribuído grande importância ao princípio da unidade de comando e ao treinamento das tropas blindadas. [...] desde o começo, temos estado determinados a criar uma Arma que seja treinada para lutar em grandes formações e que estará à altura de qualquer tarefa que lhe seja confiada ao longo do tempo (GUDERIAN, 2009, p. 209).

O emprego da massa e da surpresa são princípios tanto para os manuais atuais quanto para Guderian. Já o princípio de terreno favorável citado por Guderian é apenas correlacionado com o princípio da manobra. A nomenclatura atual classifica o terreno como fator de decisão, diferentemente de Heinz Guderian, segundo o novo Manual de Operações do Exército Brasileiro, o EB70-MC-10.203 que substituiu o C 100-5, “os principais fatores da decisão são: missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios, tempo e considerações civis” (BRASIL, 2017, p. 2-20). Embora há essa diferença na classificação, é nítida a correspondência do que Guderian escreveu com a doutrina atual, percebemos nesse trecho extraído do Manual Emprego da Cavalaria:

O comandante de Cavalaria, particularmente o de grande unidade ou de unidade, ao planejar e conduzir suas operações, deve buscar aproveitar ao máximo as características dos meios blindados. Elas permitirão ao Cmt enfatizar determinados princípios como o da massa, o da ofensiva e o da surpresa (BRASIL, 1999, p. 2-18).

Os outros fundamentos serão abordados ao decorrer deste trabalho, pois estão diretamente correlacionados com os três princípios básicos que Guderian elencou que eram necessários para o sucesso de um ataque com blindados. Nos próximos capítulos será analisado além das correspondências entre a atual doutrina e a alemã, se foram respeitados os princípios que Guderian tanto defendia: emprego da massa, utilização de terreno favorável e o emprego do elemento surpresa.

3 O EMPREGO DA MASSA E A CONSTITUIÇÃO DE RESERVAS

O emprego da massa versa sobre como concentrar maior esforço possível em um local decisivo. Guderian, durante seu trabalho, apega-se à ideia de que os meios blindados devem seguir esse princípio e atuarem de forma concentrada, em seu livro ele afirma enquanto estudava a Primeira Guerra Mundial que “ficou claro que o carro de combate era uma arma decisiva quando empregada em massa” (GUDERIAN, 2009, p. 111). O desrespeito a este fundamento fora uma das maiores críticas que o Marechal Manstein fizera ao *Führer*, segundo Barnett, o Marechal indignava-se com “incapacidade do *Führer* de compreender que o objetivo estratégico deveria ser a destruição das Forças Armadas inimigas e que isto necessitava da concentração da força máxima no ponto crucial, e não a dissipação das forças na perseguição simultânea de vários objetivos diferentes” (BARNETT, 1990, p. 253).

Guderian chegou a conclusão da importância do emprego da massa com blindados através da análise detalhada de como os ingleses e franceses utilizaram seus blindados contra os próprios alemães durante o conflito mundial de 1914-18. Guderian procurava executar uma análise fria dos eventos, como percebemos neste trecho do seu livro no qual ele destaca a atuação dos britânicos na batalha de Cambrai: “o extraordinário sucesso dos carros de combate em Cambrai foi em virtude de, pela primeira vez, terem sido empregados em massa na frente de combate principal” (GUDERIAN, 2009, p. 110).

O C 100-5 do Exército Brasileiro conceitua que o emprego da massa nada mais é que “emasse um poder de combate esmagador no momento e local decisivos” (BRASIL, 1997, p. 4-3). O princípio de emprego da massa consiste em concentrar maior poder de fogo e de meios do que seu oponente, porém não se dedica apenas à concentração de quantidade, mas também à qualidade e eficiência dos meios empregados, permitindo que forças numericamente inferiores possam ter êxito ao confrontar força com efetivos maiores (BRASIL, 1997). Podemos observar esse conceito presente na mente dos oficiais alemães, quando em comunicado de Hitler à Manstein durante os preparativos da Batalha de Kursk: “nós não podemos alcançar muito com homens, porque nós não os temos em número suficiente. Entretanto, com uma concentração de nossas melhores e mais pesadas arma [...], uma ruptura pode ser alcançada” (CROSS, 2008, p. 145). Hitler estava enganado.

A criação de reservas é um ponto que muitos pensadores militares já observavam sua importância desde aquela época, o Marechal Guderian não foi diferente, ele afirmava que dentro da concentração da massa deveria ser colocada uma reserva móvel sempre pronta para

atuar. Durante a análise dos acontecimentos de Cambrai, relatou que “pelos padrões da época, o comando francês acreditava que havia feito excelente provisão para a mobilidade e rapidez das reservas” (GUDERIAN, 2009, p. 129). Entretanto concluiu que esta mobilidade da reserva não fora suficiente e sua crítica ao exército francês é que “o sucesso teria sido maior ainda, se o ataque de carros houvesse atingido maior profundidade, se reservas móveis e eficazes estivessem disponíveis” (GUDERIAN, 2009, p. 110).

Os conhecimentos consolidados nos dias atuais nada mais são do que o resultado de experiências empregadas em conflitos passados, logo, os parágrafos a seguir descreverão o que consta nos modernos manuais do Exército Brasileiro sobre a importância da reserva em operações ofensivas, visto que o estudo de caso em questão trata da Operação Citadel pela ótica alemã, ou seja, uma operação ofensiva.

As operações militares ofensivas são as mais importantes no contexto geral de um conflito, segundo novo Manual de Operações Ofensivas e defensivas, O EB70-MC-10.202, “a ofensiva é a ação decisiva de emprego da força militar no campo de batalha, para impor a nossa vontade sobre o inimigo que se concentra para o combate de alta intensidade, representando o melhor caminho para se obter a vitória.” (BRASIL, 2017, p. 3-1). Entretanto, elas podem ser extremamente perigosas, pois a força que atua na defensiva possuirá uma relativa vantagem em relação a força atacante, desde que execute de maneira correta os princípios da defensiva. Sendo assim, é necessário que o atacante reverta essa desvantagem relativa que possui a seu adversário, sendo que uma das formas mais usuais de atingir esse objetivo é por intermédio do emprego do princípio da massa, e além concentrar forças, prever a constituição de uma reserva. Conforme o Manual de Operações Ofensivas e Defensivas do Exército:

As operações ofensivas exigem superioridade de poder de combate no local selecionado para a ação. Tal fato e a necessidade de contar com forças disponíveis para aproveitar o êxito implicam aceitar riscos em outras partes não selecionadas da frente. Deve-se procurar obter poder de combate superior em seu ataque principal, a fim de obter sucesso no momento e local escolhido (BRASIL, 2017, p. 3-1).

Utilizando o mesmo manual, dentre os diversos fundamentos de uma operação militar ofensiva, será dado destaque a três princípios: a impulsão; a concentração do poder de combate; e o aproveitamento do êxito (BRASIL, 2017, p. 3-2). Pois estes princípios estão em acordo com os princípios de Guderian, ao passo que emprego da massa se correlaciona com concentração de poder de combate e impulsão no ataque e aproveitamento do êxito estão correlacionados com constituição de reservas, assunto que este capítulo visa abordar.

A impulsão no ataque é não permitir que o avanço da tropa que ataca cesse ou diminua. Para tal é de suma importância o correto planejamento das necessidades logísticas, pois conforme orienta o manual do Exército Brasileiro EB70-MC-10.223 “os confrontos tendem a ser continuados, podendo prolongar-se por grande período de tempo, mantendo o inimigo sob pressão contínua e deixando-lhe poucas opções. Por esse motivo, o comandante deve planejar sua operação como de longa duração” (BRASIL, 2017, p. 3-3). Além de salientar o planejamento para operações de longa duração, o novo Manual de Operações Ofensivas e Defensivas destaca que “a impulsão do ataque é mantida por meio da máxima rapidez na progressão, do emprego de reservas, da continuidade do apoio de fogo e do pronto atendimento às necessidades logísticas e de outros apoios ao combate” (BRASIL, 2017, p. 3-3).

Observando o princípio de guerra do emprego da massa, nota-se que a concentração do poder de combate é desejável em qualquer operação militar. Nas operações ofensivas ela cresce de importância, pois dessa forma o atacante é capaz de suprimir a vantagem inicial que o defensor possui. “o êxito na ação ofensiva requer a reunião da maioria dos meios no local e no momento decisivos, e a sua rápida aplicação” (BRASIL, 2017, p. 3-4). Na doutrina alemã este tópico foi defendido por Heinz Guderian, quando diz que “tentaremos romper um ponto forte por meio de poderosa concentração de nossa principal arma” (GUDERIAN, 2009, p. 206). Porém a perspectiva desse marechal ia além de concentração de tropa: ela defendia a concentração dos meios blindados em unidades próprias, o que na época era inovador, pois diferenciava tanto dos ingleses como dos franceses que empregavam blindados em apoio à infantaria, como se percebe neste trecho escrito pelo alemão “a concentração do blindado é ainda mais importante para a vitória do que ela foi em 1917” (GUDERIAN, 2009, p. 207).

Inserida na concentração de forças está a constituição de reservas estratégica que também está presente no planejamento dos melhores chefes militares há séculos. Visto que os generais da *Wehrmacht* eram esplêndidos pensadores militares, não é surpresa que diversos deles defendiam a constituição de reservas táticas. Neste contexto, é possível destacar o Marechal Manstein que acreditava que “o plano geral e sua execução deveriam conservar o mais alto grau possível de flexibilidade. A fim de conseguir isso, o comandante deveria possuir sempre uma reserva e, de maneira nenhuma, imobilizar grandes forças em posições defensivas estáticas” (BARNETT, 1990, p. 246).

Outro fundamento muito importante para as ações ofensivas é o aproveitamento do êxito. Segundo o Manual de Operações Ofensivas e Defensiva do Exército, “caracteriza-se

por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de reorganizar-se” (BRASIL, 2017, p. 3-14). Além de ser um fundamento, está entre os cinco tipos de operações ofensivas, conforme elencado pelo mesmo manual são a marcha para o combate, o reconhecimento em força, o ataque, o aproveitamento do êxito e a perseguição (BRASIL, 2017, p. 3-4). A destacada importância ao aproveitamento do êxito, se dá por ser “das operações ofensivas, é a que obtém resultados mais decisivos, pois permite a destruição do inimigo e de seus recursos com um mínimo de perdas para o atacante” (BRASIL, 2017, p. 3-14). Deve-se esse atributo pelo fato do aproveitamento do êxito ser precedido por um ataque bem-sucedido, segundo C 2-1 Emprego da Cavalaria “após um ataque, se bem sucedido (sic), é preciso empreender, rapidamente, ações que conduzam ao aproveitamento do êxito e à perseguição” (BRASIL, 1999, p. 2-24).

Não obstante, para efetuar-lo de maneira correta é necessário que depois de iniciada o aproveitamento do êxito, o ataque não cesse para não permitir que inimigo se reorganize, ou seja, segundo o manual EB70-MC-10.202 “deve ser executado ininterruptamente, sem conceder ao inimigo qualquer alívio da pressão ofensiva, até a conquista do objetivo final” (BRASIL, 2017, p. 3-15). Essa pressão ininterrupta é que denomina-se impulsão no ataque, que é um fundamento de qualquer operação ofensiva, mas para o aproveitamento do êxito é de suma importância. A impulsão no ataque é garantida, entre outros fatores, pelo emprego da reserva, segundo o mesmo manual “a impulsão do ataque é mantida por meio da máxima rapidez na progressão, do emprego de reservas, da continuidade do apoio de fogo e do pronto atendimento às necessidades logísticas e de outros apoios ao combate” (BRASIL, 2017, p. 3-3). Percebe-se a importância da reserva, ou tropa de segundo escalão, no seguinte trecho do mesmo manual:

A força de aproveitamento do êxito deve possuir velocidade, elevado poder de combate e, sempre que possível, avançar em larga frente. Carros de combate, infantaria blindada e cavalaria mecanizada constituem, normalmente, o escalão avançado de uma força de aproveitamento do êxito. O segundo escalão assegura a flexibilidade, a impulsão e a segurança da operação (BRASIL, 2017, p. 3-15).

Logo percebe-se que para possuir êxito em operações ofensivas é necessária a impulsão no ataque e para atingir esses dois objetivos é necessária a concentração do poder de combate. Sendo que para essa concentração seja efetiva é de suma importância a constituição de uma reserva tática inserida nela, para que a reserva garanta a ininterruptividade das ações militares ofensivas, permitindo assim a impulsão no ataque até o ponto de desalojar e

perseguir o inimigo, não possibilitando ao mesmo a oportunidade de se reorganizar e efetuar contra-ataques. Segundo o C 100-5: “a reserva é empregada para aproveitar o êxito do ataque, para manter a sua impulsão ou para proporcionar segurança, constituindo-se num dos principais meios com que conta o comandante para influir na ação, uma vez iniciada a operação” (BRASIL, 1997, p. 5-18).

Embora os exércitos aliados não tenham produzido blindados em larga escala durante a Primeira Guerra Mundial, Guderian, com pensamento muito a frente do seu tempo, percebeu que a melhor maneira de aproveitar as características dos blindados era concentrando os meios em grandes unidades, em seu livro constatou que “como temos visto ao longo da história, vitórias decisivas não são obtidas quando empregamos os carros em pequenas unidades” (GUDERIAN, 2009, p. 92). Sendo assim, o Marechal defendia o emprego em massa de blindados na hora de seu avanço, sendo incluída nessa concentração uma reserva forte e móvel, em consonância com que a doutrina militar hodierna, como percebe-se nos parágrafos acima. Durante seus estudos sobre a Primeira Grande Guerra fez também a análise da atuação do Exército Alemão sobre a ótica desse princípio, em sua obra relatou:

Os carros alemães tomaram parte ativamente na grande ofensiva, mas não se podem decidir batalhas com apenas 45 carros de combate. A melhor maneira de se usar esses poucos recursos teria sido concentrá-los em uma força combinada, em algum ponto onde pudéssemos obter vitória decisiva e onde o terreno fosse razoavelmente favorável ao seu movimento (GUDERIAN, 2009, p. 115).

Pouco tempo antes da operação Citadel, ambos os beligerantes sabiam da extrema importância da reserva tática. Porém cada um dos lados tratou o assunto de forma diferente. Para que se possa entender como foi formada a reserva estratégica alemã para a Batalha de Kursk, torna-se necessário entender a conjuntura na Frente Leste.

3.1 A SITUAÇÃO DAS TROPAS DA *WEHRMACHT* NA FRENTE ORIENTAL

No Canal da Mancha houve a Batalha da Inglaterra, esta travada nos céus entre a *Luftwaffe* e a RAF (*Royal Air force*), forças aéreas alemãs e britânicas respectivamente. Após Hitler perder esse embate e analisando a conjuntura da guerra na Europa, acabou por colocar seus olhos na Rússia.

É comum comentários desprovidos de conhecimento táticos e estratégicos afirmando que a decisão alemã de invadir a URSS fora um imenso engano, porém analisando os motivos

que levaram o *Führer* a decretar a Operação Barbarossa é possível compreender que se esta fosse executada com sucesso os rumos da guerra poderiam ter sido alterados.

Tendo em vista que a guerra é cara e demanda uma grande necessidade de recursos naturais, e considerando que a Rússia possuía um vasto território que continha diversos desses recursos cobiçados pelos alemães para manter sua máquina de guerra, invadir a URSS era vital, segundo Lacerda e Savian, “vários motivos compeliram o líder nazista a investir contra os soviéticos: a URSS possuía ricas fontes de matérias-primas” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 285). Para que seus blindados pudessem continuar a desempenhar a *Blitzkrieg*, Hitler percebeu a grande importância de possuir os campos petrolíferos ucranianos. Conforme a narrativa de Burns:

Pintara o quadro dos alemães a "nadar em abundância" se o seu país conseguisse apoderar-se dos trigais e dos minérios da Ucrânia. Defrontando-se agora com a perspectiva de uma longa guerra com a Grã-Bretanha, compreendeu a necessidade urgente do petróleo, do manganês e outros recursos da Rússia para poder vencer (BURNS, 1952, p. 516).

Além deste, havia um objetivo tático. Nunca é desejável que alguma força militar seja obrigada a combater em duas frentes, logo para que Hitler pudesse invadir a Inglaterra com tranquilidade, fazia-se necessário ter a garantia de que não fosse aberta, contra a *Wehrmacht*, uma segunda frente. Stalin não poderia ser um aliado confiável para *Führer*, devido a divergências na divisão e territórios poloneses e rivalidades ideológicas entre nazismo e comunismo, como é destacado no livro utilizado pela cadeira de história militar na AMAN, “a URSS [...] era inimiga ideológica dos nazistas e vinha tendo atritos com os alemães, devido a questões hegemônicas na Europa Oriental.” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 285). Sendo assim a conquista da Rússia garantiria a tranquilidade necessária para uma imensa investida sobre a ilha britânica. Segundo Burns:

Para derrotar a Inglaterra tornava-se cada vez mais evidente a necessidade de lançar uma invasão em proporções colossais. Mas isso seria perigosíssimo com os exércitos russos na retaguarda alemã. Finalmente, havia atritos cada vez mais sérios em torno da divisão da Europa oriental em esferas de influência, de acordo com as prescrições do Protocolo Secreto de 1939. Insatisfeita com o seu quinhão original, a Rússia exigiu a Lituânia e a Bucovina Setentrional, as quais incorporou à União Soviética (BURNS, 1952, p. 516).

Sendo assim em 1941, Adolf Hitler descumpe o pacto Molotov-Ribbentrop, de não agressão que tinha firmado com a URSS antes de iniciar a guerra, e sem avisos formais deflagra a Operação Barbarossa que foi constituída no planejamento alemão de invadir a União Soviética.

3.1.1 A Operação Barbarossa

O plano da operação em sua concepção era ousado e pretendia conquistar a Rússia através de três frentes, com um ataque feroz e agressivo que não possibilitava que os russos se reorganizassem. Conforme Lacerda e Savian:

O plano alemão, denominado Operação Barba-Roxa (“Unternehmen Barbarossa”) previa uma ofensiva em uma frente de 3.200 quilômetros a ser realizada por 3 grupos de exércitos, denominados Norte, Central e Sul, que tinham por objetivo, respectivamente, a conquista de Leningrado (importante área industrial), Moscou (capital inimiga e importante entroncamento ferroviário) e Ucrânia (rica em matérias-primas e importante região agrícola) (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 285).

A Operação teve um grande sucesso inicial, ao ponto que enquanto as forças alemãs avançavam, os russos começaram a adotar a estratégia de terra arrasada, que constituía basicamente em não deixar para o inimigo instalações que os mesmos pudessem utilizar para reabastecimento de tropas: “para tentar diminuir o ímpeto da ofensiva inimiga, o líder soviético ordenou que, em caso de retirada, suas tropas destruíssem quaisquer recursos (plantações, indústrias, ferrovias, entre outros) que pudessem ser aproveitados” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 285). Entretanto o avanço alemão seguia implacável. Após esse grande sucesso inicial, houve a Batalha de Stalingrado, que veio a mostra-se em uma derrota esmagadora para a *Wehrmacht*. Conforme livro de história utilizado pela cadeira da AMAN:

No sul, os alemães obtiveram grandes êxitos, avançando profundamente pelo Cáucaso. No final de junho de 1942 iniciaram operações tendo em vista a conquista da importante cidade de Stalingrado, situada às margens do rio Volga. Nesta cidade, no entanto, os alemães sofreram uma grande derrota (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 287).

Stalingrado foi uma derrota decisiva para os alemães, que além de perder a tomada da iniciativa das operações para os russos, vieram a perder um grande efetivo que poderia ser empregado na constituição de uma reserva para futuras operações. O próximo subitem explicitará de forma mais detalhada os acontecimentos dessa batalha.

3.1.2 A Batalha de Stalingrado

Objetivando uma boa posição em direção ao Cáucaso, Hitler ordenou, em 1943, a captura de Stalingrado. Ele acreditava também que conquistando a cidade que homenageava Stalin ele atingiria o moral inimigo. Porém o que ocorreu foi um revés devastador para os alemães, segundo narrativa de Cross: “após cruenta e demorada luta, o VI Exército de Von

Paulus, cercado em vias de ser destruído, capitulou em 2 de fevereiro de 1943, depuseram armas 1 marechal [...] 24 generais, 2.500 oficiais e 91.000 homens” (CROSS, 2008, p. 5).

Segundo a narrativa de Burns, Stalingrado foi uma das mais amargas derrotas nazistas, a perda em homens, só pelos alemães, atinge o número aproximado de trezentos mil (BURNS, 1952, p. 524). Esta batalha não teve apenas objetivos políticos, e caso os alemães tivessem vencido é bem provável que dificilmente a URSS conseguiria reerguer-se novamente, pois, segundo o mesmo autor, “se fossem bem sucedidos, teriam isolado a Rússia setentrional do seu celeiro, a Ucrânia, e das jazidas de petróleo ao norte e ao sul do Cáucaso” (BURNS, 1952, p. 524).

Para cumprir tal missão, Hitler nomeou como comandante o Marechal Paulus e o reforçou com tropas italianas e búlgaras. Objetivando conquistar a cidade, Lacerda e Savian destacam que Von Paulus posicionou as tropas romenas, consideradas mais fracas, para proteger seus flancos, enquanto sua tropa mais forte atacava a cidade e empurrava os russos para o Rio Voga. A batalha fora de uma magnitude gigantesca, com ambos os lados empregando largos efetivos, segundo os mesmos autores: “durante a batalha, em Stalingrado e regiões adjacentes, os alemães e seus aliados empregaram cerca de 1.300.000 homens; os soviéticos aproximadamente 1.700.000” (LACERDA; SAVIAN, 2015 p. 289).

Entretanto, o Marechal russo Georgy Zhukov, organizou uma reserva no outro lado do Rio Voga, utilizou o princípio da surpresa e da ofensiva, contra-atacando os alemães através de seus flancos guarnecidos por tropas de segunda classe. A manobra adotada pelos soviéticos foi o um desbordamento com objetivo de cercar o Marechal Paulus e destruir suas forças na posição. Conforme segue narrativa de Lacerda e Savian:

Quando os alemães já controlavam aproximadamente 90% de Stalingrado, os Exércitos Soviéticos que estavam na margem leste do rio Volga atacaram e derrotaram as tropas que defendiam os flancos alemães, cercando as tropas de Paulus que estavam no interior da cidade. As tropas alemãs cercadas passaram a ser abastecidas por via aérea, mas de maneira insuficiente.. Forças alemãs, comandadas pelo general Erich von Manstein, tentaram romper o bloqueio soviético, mas fracassaram. Sem suprimentos e esperanças de escapar do cerco, Paulus rendeu-se (LACERDA; SAVIAN, 2015 p. 289).

Porém antes da rendição Hitler deslocou tropa para resgatar as tropas cercadas, a missão de resgatar Von Paulus coube ao Marechal Manstein, porém este divergia de opinião com Hitler quanto a execução do plano. Hitler acreditava que Stalingrado deveria ser tomada a qualquer custo devido à sua importância político estratégico-militar, logo viu no envio de Von Manstein em resgate à Von Paulus “uma maneira de conservar e ampliar a ocupação de

Stalingrado pelo 6º Exército” (BARNETT, 1990, p. 254). Já Von Manstein acreditava que era necessária a constituição de uma reserva para proteger a Frente Leste como um todo para futuras operações, para concluir esse objetivo era necessário efetivo, logo o 6º Exército comandado por Von Paulus deveria ser “ser desengajado e empregado em outro local” (BARNETT, 1990, p. 254). Tal discussão selou um triste fim para Von Paulus, segundo Barnett:

Sua primeira exigência, por conseguinte, era que Paulus tentasse romper o cerco na direção sudoeste, a fim de fazer contato com a força que iria ao seu encontro, o que só poderia fazer se o 6º Exército fosse retirado de Stalingrado. A combinação da recusa de Hitler em concordar com essa solução com o fracasso de Göring em manter sua promessa de conservar o 6º Exército abastecido pelo ar minou a possibilidade de o plano de von Manstein ter êxito (BARNETT, 1990, p. 254).

A derrota foi esmagadora tanto em meios, quanto no abalo moral das tropas alemãs, cedeu aos russos à iniciativa das ações e gerou consequências irreversíveis, segundo livro utilizado na cadeira de história da AMAN “a vitória soviética marcou o início da contraofensiva soviética, que só pararia em Berlim” (LACERDA; SAVIAN, 2015 p. 289). O efeito dessa batalha nos alemães sobre a ótica que o presente trabalho visa analisar é o fato de suas perdas não permitirem a constituição de uma reserva estratégica, sendo estas tão grandes que as consequências seriam sentidas não apenas em Kursk, mas em diversos outros teatros de operações até o final da guerra, como é destacado na obra *As Grandes Decisões Estratégicas*: “o Pré-requisito básico de um plano defensivo estratégico é a existência de uma poderosa reserva estratégica, mas esta reserva não existia mais, depois das perdas alemãs em Stalingrado” (USA, 2004, p. 290).

Após esse revés para as forças alemãs, instaurou-se uma perigosa conjuntura na frente oeste, pois os alemães necessitavam retomar a ofensiva, porém para cumprir essa missão se faz necessário o princípio do emprego da massa, sendo assim era preciso concentrar os meios. Segundo Barnett, essa a reunião de tropas só seria possível com o recuo de alguns corpos de exércitos e retirada da Ucrânia, para assim reduzir a extensa linha de defesa, concentrar forças e criar uma reserva forte. Em sua obra o autor destaca que:

Von Manstein desejava recolher as forças alemãs excessivamente estendidas no sul, encurtando drasticamente a linha e reduzindo as forças necessárias para a defesa, de modo a poder formar uma reserva para uso ofensivo [...] Para que esse plano pudesse ser colocado em execução, um grande redesdobramento, incluindo a retirada do Cáucaso do Grupo de Exércitos A — e talvez também da Criméia —, teria que ser realizado imediatamente. (BARNETT, 1990, p. 256).

Hitler não aceitava essa retirada, pois ele agarrava-se na ideia de que não era possível

perder terreno, bem como não era prudente evacuar a Crimeia e possibilitar o acesso dos russos ao petróleo daquela região (BARNETT, 1990). Hitler não queria aceitar que a Operação Barbarossa falhara e, enquanto seus generais empenhavam-se em convencê-lo do uso de retiradas estratégicas, ele preferia o emprego da “*Ermattungstrategie*, a estratégia da exaustão ou do atrito” (BARNETT, 1990, p. 256). Além de muitos outros erros estratégicos do *Führer*, segundo Barnett “A recusa de Hitler em autorizar a retirada de Kuban, da Criméia e da bacia do Donetz acabou por revelar-se inevitavelmente fatal” (BARNETT, 1990, p.257).

O chanceler alemão, mesmo possuindo o posto de Comandante Supremo da *Wehrmacht* e também do *Heer*, o Exército Alemão, tinha grandes dificuldades de entender como empregar os meios militares à sua disposição, sendo que sua cega perseguição por objetivos políticos e seu conseqüente atrito com generais de alto escalão alemão foram significantes para a derrota alemã.

3.1.3 A Retirada de Kharkov

A iniciativa das operações passou para os soviéticos e as operações ofensivas russas prosseguiram, com a louca obsessão de Hitler em manter regiões mesmo sem condições de protegê-las, tal fator chegou ao ponto de os russos possuírem larga diferença de efetivos em comparação com os alemães, sendo citado no livro de Cross que “em setores críticos, o Exército Vermelho agora possuía uma superioridade numérica de 8 para 1. As companhias do I Exército *Panzer*, reduzidos em alguns casos a 20 homens, estavam mantendo seções de até 1 km de extensão” (CROSS, 2008, p. 20).

Hitler insistia em não aceitar ceder terreno para os russos. Percebendo que a única salvação da frente russa era uma retirada estratégica, Von Manstein dedicou-se sobremaneira a conseguir permissão do *Führer* de, pelo menos, abandonar Kharkov, importante cidade situada na Ucrânia, pois trata-se de um ponto estratégico devido ao seu posicionamento e aproximação de campos petrolíferos e recuar uma parte da frente, a região leste do rio Mius, para que um efetivo contragolpe fosse efetuado. Segundo Barnett:

Manstein defendeu a retirada, pelo menos, da região leste do rio Mius, sustentando que se Hitler insistisse em mantê-la, ele provavelmente perderia o Grupo de Exércitos Don e toda a bacia. No fim, recebeu a relutante permissão de Hitler de retirar-se para o Mius, sustentando que se Hitler insistisse em mantê-la, ele provavelmente perderia o Grupo de Exércitos Don e toda a bacia (BARNETT, 1990, p. 257).

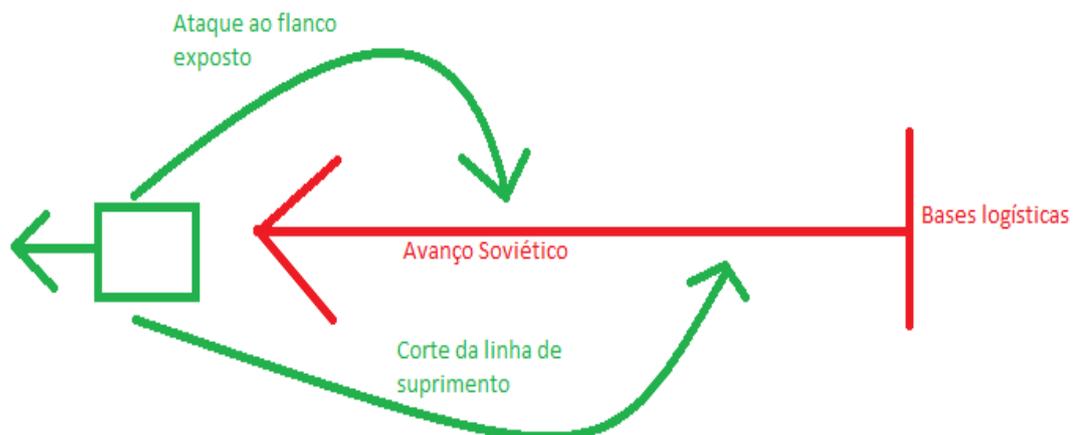
Com a retirada de Kharkov o plano de Manstein era ousado. A partir do momento em que iniciou-se esse movimento retrógrado, que, segundo Manual de Operações Ofensivas e

Defensivas do Exército “é qualquer movimento tático organizado, de parte de uma força terrestre, para a retaguarda ou para longe do inimigo, seja forçado por este, seja executado voluntariamente, como parte de um esquema geral de manobra, quando uma vantagem marcante possa ser obtida” (BRASIL, 2017, p. 4-9). o Marechal alemão simularia uma retirada e convidaria os russos a um ataque, o que funcionou muito bem. Segundo narrativa de Robin Cross sobre tais fatos:

Para Stalin e o Alto-Comando do Exército Vermelho, o abandono alemão de Kharkov era prova positiva de que o inimigo estava em retirada total. [...] Stalin anunciou que a ‘expulsão em massa do inimigo da União Soviética havia começado’. Sua principal preocupação era a corrida que o Exército Vermelho estava disputando contra o início da rasputitsa, a estação úmida bienal causada pelo degelo de primavera e as chuvas de outono, estas transformavam as estradas de terra da Rússia em atoleiros, e a estepe ao redor em pântanos (CROSS, 2008, p. 22).

Porém esse movimento retrógrado nada mais era do que uma armadilha, pois Von Manstein sabia que o Exército Vermelho efetuariam uma ponta de lança com o intuito de perseguir os alemães. O plano era simples: a ação seria permitir o avanço russo até que seus flancos ficassem expostos e sua linha de suprimento estendida ao ponto da ruptura e atacar esses flancos, bem como cortar a linha de suprimento. Segundo Cross, “Manstein observava esses desenvolvimentos com sua calma costumeira. Como ele antecipou, Stalin estava novamente estendendo-se exageradamente e expondo suas pontas-de-lança (sic) a um contragolpe” (CROSS, 2008, p. 22). Ainda sobre essa manobra, imagem abaixo retrata, o plano de Von Manstein:

Figura 02 – Manobra de Manstein



Fonte: AUTOR (2019)

O contra-ataque foi executado corretamente e funcionou perfeitamente, Kharkov foi retomada, “tendo a iniciativa passado temporariamente para as mãos dos alemães, Manstein explorou-a para recapturar Kharkov” (BARNETT, 1990, p. 258). Entretanto o plano inicial de Von Manstein não foi seguido na íntegra e a reserva estratégica não foi formada, segundo Barnett: “Não era mais possível [...] seguir uma estratégia de ‘aniquilação’: o melhor que se podia esperar era um impasse operacional. Para isso, uma posição estratégica segura tinha que ser estabelecida, cuja base deveria ser uma reserva adequada” (BARNETT, 1990, p. 258).

Assim, repetiu-se a perigosa conjuntura de uma frente com pouca reserva, porém com a significativa diferença de que agora a iniciativa das ações estarem em mãos alemãs.

Atacar o saliente de Kursk tornara-se necessário e perigoso simultaneamente, pois havia a necessidade de vencer a Rússia antes da abertura de uma segunda frente na Europa, porém atacar o saliente com deficiências em reservas poderia ser uma loucura. Reforços eram necessários para o bom andamento das operações ofensivas em Kursk sendo que Von Manstein e outros generais por diversas vezes assessoraram o *Führer* sobre essa necessidade, em uma dessas oportunidades Hitler queria “atacar imediatamente o saliente de Kursk, antes que os russos pudessem fortalecer suas defesas. Model aconselhou cautela e insistiu em que seu 9º Exército não poderia desincumbir-se da missão, a menos que fosse muito reforçado” (BARNETT, 1990, p. 327). Ainda sobre a criação de uma reserva, Barnett anotara que:

A exigência de Manstein de criação de uma reserva, o que só poderia ser feito com a retirada para uma linha mais curta mais para oeste, era a única estratégia que encerrava uma esperança realista de estabilizar a situação militar na Rússia e, talvez, pôr fim à guerra, antes que as forças anglo-americanas desembarcassem no continente (BARNETT, 1990, p. 258).

A recusa de Hitler em reduzir sua frente e reconstruir uma reserva estratégica traria consequências não só no teatro de operações na Rússia, mas em outros lugares do mundo, pois, após a derrota de Stalingrado, única forma de reforçar alguma posição do exército alemão era com o desfalque de tropas em outras. Segundo o Departamento de História do Exército Americano:

Só teria sido possível organizar uma reserva se tivessem sido abandonados os planos até para ofensivas limitadas no leste, e se fosse permitida uma redução relativa da extensão da frente. Para isso, teriam de ser realizados movimentos retrógrados em grande escala, o que Hitler se negava a admitir. O resultado era que um Teatro de Operações só podia ser reforçado à custa de um outro (USA, 2004, p. 291).

Como o resultado a partir desse ponto seria retirar tropas de uma frente para reforçar outras, é importante que seja compreendido o que estava ocorrendo no Mar Mediterrâneo.

3.1.4 O Mar Mediterrâneo

Havia um temor que em algum lugar da Europa fosse aberta uma segunda frente, o que obrigaria os alemães a dividirem suas forças e não atenderiam de forma satisfatória ao princípio do emprego da massa, temor que virou realidade em 1944 na operação *Overlord*. Porém, antes desse importante evento, em meados de 1943, ingleses e americanos mantinham operações no Mar Mediterrâneo e constantemente ameaçavam invadir o sul da Itália, ação que desgastava as tropas alemãs.

Segundo o Departamento de História do Exército Americano, havia a discussão anglo-americana sobre o local do desembarque aliado, “mas achavam que enquanto isso não acontecia, as operações agressivas no mediterrâneo não só eram proveitosas como até essenciais, a fim de desgastar o poderio inimigo e fixar e desviar forças inimigas que, de outra forma, seriam encaminhadas para outras frentes” (USA, 2004, p. 237).

Sendo assim, a Itália tornara-se um grande problema para as forças armadas alemãs, pois após derrotas no norte da África e na Grécia, os alemães não acreditavam mais nas possibilidades dos italianos resistirem e defenderem sua própria pátria, assim os germânicos tomaram para si os planos de defesa da península itálica. O Departamento de História do Exército Americano cita:

A Itália nunca esteve preparada para as implicações de uma guerra global; agora, perdera suas melhores divisões [...] Hitler percebeu a instabilidade da situação interna na Itália e, em maio de 1943, o OKW começou a elaborar planos para tomar a seu cargo a defesa de toda a Itália (USA, 2004, p. 291).

Como foi citado neste trabalho, devido à falta de reserva estratégica, a única forma dos alemães reforçarem uma frente era retirando tropas de outras. Hitler não queria seus blindados presos em alguma operação enquanto o governo de seu amigo Mussolini fosse ameaçado por uma possível invasão da península itálica, segundo Cross, “ele estava temeroso de que, uma vez que seus *panzers* estivessem retidos nos campos minados do saliente de Kursk, os aliados invadiriam a Sardenha e, o Duce seria derrubado” (CROSS, 2008, p. 146). Sendo assim, ele tentou reforçar a Itália com o pedido de transferência de divisões da Frente Leste para a Itália às vésperas do ataque a Kursk, segundo Departamento de História do Exército Americano “para serem utilizadas por Rommel, seriam retiradas do leste 6 boas divisões *Panzer*” (USA, 2004, p. 294). porém tais transferências não ocorreram, pois “Hitler decidiu executar uma ofensiva [...] na URSS” (USA, 2004, p. 294). Mas não antes de muitas discussões, segundo Cross:

No começo de junho, Guderian teve que intervir para impedir o OKW de despachar a I Divisão *Panzer*, recentemente restaurada à sua força completa e equipada com o 1º Batalhão de *Panthers*, para proteger o peloponeso de um desembarque aliado. [...] ele salvou os *Panthers* [...] mas não a I *Panzer*, da qual mais tarde ele escreveu: 'Nós logo sentiríamos falta amargamente da Rússia' (CROSS, 2009, p. 106).

A invasão da Itália de fato ocorreu no dia 10 de junho de 1943 durante a operação Citadel, que já apresentava sinais que falharia. “Os britânicos e norte-americanos invadiram a Sicília com pára-quedistas e barcos de desembarques” (CROSS, 2008, p. 219). A partir desse ponto, Hitler deveria enfrentar uma guerra com mais de uma frente, estragando os planos germânicos de conquistar a Rússia, como destaca trecho da obra de Robin Cross “no entanto, o momento para a imposição da vontade alemã – a inteira *raison d'être* de Adolf Hitler, que lhe custara tanto em sangue e fundos – estava escapando, influenciado por acontecimentos no flanco norte do saliente e no outro lado da Europa, na Sicília” (CROSS, 2008, p. 217).

A conjuntura no Mar Mediterrâneo além de corroborar para a falta de reservas na frente oriental, possui a relevância de ter sido o teatro de operação no qual atuaram os bravos pracinhas brasileiros, segundo Lacerda e Savian, a “Força Expedicionária Brasileira [...] foi incorporada ao 5º Exército Norte-Americano, que buscava romper a Linha Gótica, posição defensiva estabelecida pelos alemães no norte da Itália” (LACERDA; SAVIAN. 2015, p. 295). Cabe entretanto ressaltar que a participação brasileira na guerra ocorreu em um período posterior ao da Batalha de Kursk. Segundo Lacerda e Savian: “nos anos de 1944 e 45, as tropas brasileiras realizaram campanhas vitoriosas [...] Para coroar sua participação, a FEB capturou 148ª Divisão de Infantaria Alemã, fazendo mais de 17 mil prisioneiros” (LACERDA; SAVIAN. 2015, p. 295). Seria a maior captura de tropas inimigas realizada por tropas durante toda a guerra.

3.2 A CONSTITUIÇÃO E O EMPREGO DAS RESERVAS NA BATALHA DE KURSK

3.2.1 O Emprego da reserva na Batalha de Kursk pela Ótica Alemã

Durante os antecedentes da Batalha de Kursk, surgiram vários elementos, já abordados neste capítulo que não possibilitaram que os alemães tivessem efetivo suficiente de meios e homens para a constituição de uma reserva forte. Por essa e outras razões, diversos assessores militares alemães recomendavam o cancelamento das operações (CROSS, 2008). Um desses órgãos, A OKW, traduzido do alemão significa Alto Comando das Forças Armadas,

“submeteu uma avaliação para a Hitler que concluiu que [...] Citadel devia ser cancelada. O relatório também recomendou que uma reserva operacional forte [...] fosse organizada tanto no leste quanto na Alemanha” (CROSS, 2008, p. 146).

Os Marechais alemães preocupavam-se tanto com o assunto da reserva estratégica que pouco tempo antes das operações ofensivas serem iniciadas, o Marechal Manstein propôs uma manobra denominada *Backhand*, tal plano seria basicamente aplicar em larga escala a contra-ofensiva que resultou na recaptura de Karkhov, já citada neste trabalho. Executando esse movimento retrógrado, a demanda por tropas de reservas seria menor do que uma ação ofensiva como a planejada para conquistar Kursk. Este cenário poderia resolver dois problemas: colocar os russos em desvantagem tática e atacá-los sem a necessidade de empregar uma grande reserva. Porém cobrava o preço de ceder terreno aos russos, fato este que Hitler mais uma vez não aceitou. Segundo Cross:

Ele sugeriu que o Ostherr esperasse pelo ataque soviético que quase certamente seria lançado [...]. A resposta alemã, sugeriu Manstein, seria ceder terreno, retirando-se totalmente da Bacia de Donets, e então lançar um esmagador contragolpe na região de Kiev contra o estendido flanco norte da ofensiva russa, virando a mesa sobre o inimigo e fechando sua frente no sul (CROSS, 2008, p. 93).

Havia ainda outros marechais que defendiam o abortamento da Operação Citadel devido, entre outros fatores, ao fato de possuir reservas fracas. Como por exemplo o Marechal Jodl, segundo Cross: “Jodl opunha-se a Citadel nos argumentos de que era perigoso explorar as reservas, quando tantos problemas assomavam-se no Mediterrâneo” (CROSS, 2008, p. 102). Outro influente militar que pensava de forma semelhante foi o Marechal Heinz Guderian, que na época era Inspetor-geral de Tropas Blindadas. Em reunião às vésperas da operação, ele falou ao próprio *Führer* que a Operação Citadel deveria ser cancelada, como relata Cross em sua obra:

Nós apenas acabamos de completar a reorganização e reequipagem de nossa Frente Leste; se atacássemos de acordo com o plano do chefe de Estado-Maior. Seria certo que sofreríamos perdas pesadas de carros-de-combate (sic), que não estaríamos em posição de substituir, em 1943; pelo contrário, deveríamos dedicar nossa nova produção de blindados para a Frente Ocidental, a fim de ter reservas móveis disponíveis para usar contra o desembarque aliado que pode ser esperado, com certeza, para 1944 (CROSS, 2008, p. 105).

Para o planejamento e execução de operações militares a constituição de uma reserva estratégica pode, por vezes, ser o diferencial entre a doce conquista da glória e o gosto amargo da derrota. Entretanto Hitler ignorou todos os avisos e fundamentos doutrinários previstos e defendidos não só por Heinz Guderian, como também pela maioria dos seus generais e

revestido de seu ego lunático ordenou o ataque à Kursk, lançando contra uma posição fortemente defendida uma tropa que não possuía uma reserva suficientemente forte para que proporcionasse a impulsão no ataque necessárias para continuidade das operações ofensivas e a ruptura do dispositivo defensivo inimigo. No próximo tópico desse capítulo, será abordado como foi empregada a reserva pela ótica dos dois beligerantes.

3.2.2 O Emprego da Reserva na Batalha de Kursk pela Ótica Russa

A conjuntura para o Exército Vermelho era diferente do que para os alemães e a constituição de sua reserva foi executada de forma mais fácil. O tema era de suma importância para os planos soviéticos de batalha e sua inteligência sabia das dificuldades germânicas de manter a impulsão no ataque devido a sua fraca reserva. Podemos verificar tal informação em relatório entregue para o Marechal russo Zhukov: “Em razão da falta de grandes reservas, o inimigo terá que limitar sua ofensiva” (CROSS, 2008, p. 114).

Os assessores militares russos agarravam-se na possibilidade de desgastar o avanço alemão e empregar sua reserva em contra-ataques, como fora feito em Stalingrado. Percebe-se a consolidação desse plano quando o Alto Comando Russo enviou um relatório para Stalin: “seria melhor se desgastássemos o inimigo com nossas defesas e destruíssemos seus carros-de-combate (sic), e só então, depois de ter posicionado reservas frescas, partir para uma ofensiva geral” (CROSS, 2008, p. 116).

Para tal constituíram a Força de Frente de Estepe que era uma poderosa reserva estratégica, segundo Cross “Trinta e cinco divisões estava, eventualmente disponíveis para Vatutin, das quais 17 formavam o primeiro escalão e 18 foram atribuídas para o segundo escalão ou exército de reserva [...]. a *Stavka* reuniu uma reserva estratégica poderosa [...] designado Frente da Estepe” (CROSS, 2008, p. 134).

Acreditavam também que a ameaça dos blindados alemães era grande e assim era necessária a criação de uma reserva especializada em defesas anticarro. No relatório supracitado, generais russos concluíram que “em virtude dessa ameaça, nós devemos fortalecer as defesas anticarro das Frentes Central e de Voronezh, reunindo, assim que possível, 30 regimentos de artilharia anticarro na reserva do Quartel-General (sic) Supremo” (CROSS, 2008, p. 115).

Ao contrário do que aconteceu com Hitler, os marechais russos conseguiram convencer Stalin da importância de uma reserva e os dois comandantes, os Marechais Zhukov

e Vasilevsky, “rapidamente chegaram a um acordo na disposição de reservas operacionais e estratégicas e ‘sobre a natureza das operações iminentes’. Juntos, esboçaram uma diretiva da *Stavka* sobre reservas e a criação de uma nova Frente da Estepe na retaguarda do Saliente de Kursk” (CROSS, 2008, p. 116).

Dentre os três princípios de Guderian, percebe-se que a *Wehrmacht* não atendeu de forma satisfatória o emprego da massa, visto que não conseguiu criar uma reserva forte o suficiente para manter a impulsão no ataque e resistir aos poderosos contra-ataques russos, veremos nos próximos capítulo a respeito do fundamento de utilização do terreno. Sobre a correlação desses dois fundamentos, Guderian destaca que:

Para isso, atribuiremos a nossas forças blindadas (*panzer*) a missão de alcançar a vitória decisiva, Espera-se que elas o consigam, realizando um ataque concentrado contra a posição defensiva inimiga, incidindo sobre um ponto favorável ao emprego dos carros de combate, selecionado por nosso comandante (GUDERIAN, 2009, p. 218).

Respeitando a correlação de Heinz Guderian, o próximo capítulo discorrerá sobre a utilização de um terreno favorável para o emprego de blindados.

4 O TERRENO, A MOBILIDADE E O AVANÇO IRRESISTÍVEL

Segundo Heinz Guderian, ainda há outros dois fundamentos necessários para que um ataque de blindados possua êxito: Terreno favorável e a utilização da surpresa. Aspectos estes que estão muito correlacionados, podendo um terreno não favorável ao emprego de blindados negar ao chefe militar o elemento surpresa, pois dificultará a mobilidade.

Segundo a doutrina atual, a manobra tática ofensiva é a forma com a qual o atacante procederá a fim destruir seus inimigo, sua escolha é de suma importância, pois pela manobra é possível explorar as vulnerabilidades do inimigo e surpreendê-lo. Conforme destaca o Manual de Operações Ofensivas e Defensivas do Exército Brasileiro, “ao escolher a forma de manobra, um dos objetivos é iludir o inimigo, fazendo-o acreditar em seus planejamentos e concentrar o poder de combate sobre suas vulnerabilidades” (BRASIL, 2017, p. 3-18).

Guderian naquela época já defendia que a mobilidade era o grande trunfo das forças blindadas, para isso o terreno deveria permitir que as tropas pudessem tirar o máximo de proveito dessa característica. Ele não era único que versava a favor da mobilidade das tropas *panzer*, mas também outro ícone no emprego de blindados: o Marechal Erwin Rommel, segundo Barnett, o general era “sempre preocupado com a questão da mobilidade, ficou deliciado com a maior velocidade e raio de ação dos tanques” (BARNETT, 1990, p. 305).

A correta observância do princípio da manobra permite que o comandante militar escolha o local e horário do combate, devendo colocar o inimigo em uma posição desvantajosa ou surpreendê-lo com um ataque inesperado, sendo que, segundo EB70-MC-10.202, “o atacante manobra para explorar os efeitos obtidos pelos fogos, para evitar o grosso do inimigo ou para cerrar sobre ele e destruí-lo pelo assalto” (BRASIL, 2017, p. 3-3). O princípio da manobra também pode ser empregado para explorar o êxito de algum ataque preliminar, bem como assegurar continuada e ininterrupta pressão sobre o inimigo, causando-lhe baixas e danos e por vezes tirando sua iniciativa, sendo segundo o Manual de Operações Ofensivas e Defensivas “a manobra é a ação decisiva do combate” (BRASIL, 2017, p 3-3).

O princípio da manobra esteve constantemente presente na doutrina militar alemã, influenciando inclusive o apelido desta. *Blitzkrieg*, traduzido do alemão, significa guerra relâmpago, fazendo alusão à grande mobilidade e, por consequência, velocidade da *Wehrmacht*, fato este que permitia a utilização da surpresa. Podemos perceber a importância da mobilidade no seguinte trecho de *Achtung Panzer*, no qual Heinz Guderian defende desenvolvimento de uma arma que concentre os meios blindados:

As especificações para o desenvolvimento dessa Arma devem ser definidas tão elevadas quanto pareçam praticáveis à época. Se, por exemplo, nós pudemos possuir os recursos necessários para atacar com velocidade, parece ridículo forçar os carros de combate se oferecerem como alvos lentos ao fogo inimigo, só porque a infantaria ultrapassada seria incapaz de acompanhá-los (GUDERIAN, 2009, p. 207).

Von Manstein mostrou como empregar suas divisões *panzer* com intuito de manobrar o inimigo proporcionava aos alemães vantagens, foi durante seu contra-ataque e retomada de Kharkov já explicada neste trabalho. Nessa oportunidade, segundo Cross, “mais uma vez, o Ostheer havia demonstrado seus incríveis poderes de recuperação, simultaneamente mostrando sua superioridade tática em operações móveis, mesmo quando em grande inferioridade numérica” (CROSS, 2008, p. 30). O Major-General F.W. Von Mellenthin falou:

A campanha de 1941 e 1942 tinham provado que nossos carros-de-combate (sic) eram praticamente invencíveis se lhes fosse permitido manobrar livremente de um lado a outro, nas grandes planícies da Rússia. Em vez de tentar criar condições em que a manobra seria possível – por retiradas estratégicas ou ataques surpresas em setores calmos- O Comando Supremo alemão não poderia pensar em nada melhor, além de arremessar nossos magníficos carros-de-combate (sic) contra Kursk, que havia se tornado a fortaleza mais forte do mundo (CROSS 2008, p. 149).

Para empregar o princípio da manobra se faz necessário que a tropa em questão possua mobilidade. Heinz Guderian, fundador da doutrina alemã na Segunda Guerra, já tinha relatado sobre a importância de utilizar blindados em terrenos favoráveis para explorar ao máximo sua mobilidade. Ele não era o único que acreditava nesse conceito, Von Manstein acreditava fielmente nesse fundamento, segundo Barnett, o alemão acreditava que “a força do Exército alemão [...] residia em sua superior capacidade de conduzir operações móveis. O objetivo, por conseguinte, deveria ser o de criar condições para essas operações, nas quais pudessem ser exploradas a ação ofensiva e a surpresa” (BARNETT, 1990, p. 247). Outro grande defensor da mobilidade fora o Marechal Rommel, mesmo este sendo oriundo a arma de Infantaria, segundo Barnett o lendário general “poderia ter-se transformado em arraigado defensor da guerra de posições, aprendeu mobilidade em outras frentes” (BARNETT, 1990, p. 301).

A importância da mobilidade para as tropas blindadas foi muito além do nível tático, atingindo indubitavelmente o nível estratégico. Quanto mais rápido a máquina de guerra alemã, através da *Blitzkrieg*, avançava no território inimigo, menor era o tempo disponível para os adversários planejarem e executarem seus planos defensivos. Guderian utilizou-se do avanço que outros generais, como Rommel, para convencer Hitler e alto-comando da *Wehrmacht* sobre o poderio das forças *panzers*. Segundo Barnett, “à medida que o dia se escoava e seus mapas floresciam com flechas que rapidamente se encompridavam para

mostrar com que rapidez as irresistíveis tropas de elite estavam reduzindo o inimigo a migalhas” (BARNETT, 1990, p. 426).

Para aproveitar da melhor forma possível a mobilidade da tropa blindada, Guderian afirmava que o comandante, ao planejar um ataque com carros de combate, deveria optar por empregá-los em locais nos quais a incidência de obstáculos, naturais e artificiais, que obstruíssem os carros fossem a menor possível, como citou em sua obra: “se os carros precisam manter-se em movimento, deve-lhes ser evitada a necessidade de cruzarem terrenos acidentados quando lançados ao ataque” (GUDERIAN, 2009, p. 92). A doutrina brasileira atual não considera o terreno como princípio de guerra, mas sim como fator da decisão do comandante, logo em consonância com o pensamento dos alemães daquela época, os chefes militares atuais devem escolher um terreno favorável para suas operações. Segundo o manual EB70-MC-10.223, “Os principais fatores da decisão são: missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios, tempo e considerações civis” (BRASIL, 2017, p. 2-20). Os fatores da decisão são utilizados em tropas de maior escalão também, segundo o mesmo manual “o estudo do terreno e das condições meteorológicas está condicionado à missão e ao escalão considerado”(BRASIL, 2017, p. 2-20).

Sobre o terreno, durante o planejamento da invasão da França em 1941, houve uma discussão envolvendo os Oficiais da *Wehrmacht* sobre a possibilidade de cruzarem a floresta das Ardenas, pelo fato desta possuir terreno de difícil acesso, sendo inclusive classificada pelos franceses como intransponível para tropas blindadas. Na obra de Barnett está relatado que:

Foi uma discussão oportuna, uma vez que [...] já estavam manifestando dúvidas sobre a prudência de lançar o Exército em um ataque semelhante ao Plano Schlieffen, de 1914, através da Holanda e Bélgica, para entrar no norte da França. Corretamente, temiam o efeito de terreno empapado de água sobre os tanques e os caminhões (BARNETT, 1990, p. 426).

Guderian defendia inclusive que o terreno fosse preparado pela engenharia de combate para facilitar o posterior ataque com carros de combate, como exemplar autor que fora, constatou que essa preparação era necessária observando que os franceses o fizeram durante a Primeira Guerra Mundial:

O IV Exército francês fez diferente. Iniciou seu ataque por meio de crateras dos campos de batalha anteriores, mas não empregou seus carros até que fosse conquistado e preparado o terreno para eles. Para tanto usou 2800 homens quem, em 28 de setembro, completaram o trabalho, durante o qual abriram passagens pelos obstáculos anticarro, campos de minas e trincheiras. Esse exército perdeu apenas dois carros de combate em razão das minas (GUDERIAN, 2009, p. 155).

Possuir um terreno favorável melhorará sobremaneira a mobilidade durante as batalhas, permitirá a manobra e o avanço contínuo e rápido das tropas. Esse avanço quanto mais ágil fosse, maior seria a dificuldade do inimigo de reagir ao ataque, pois o mesmo não esperaria esta ação, ou seja, seriam surpreendidos pela rapidez do avanço. O próximo tópico deste capítulo é como estava o terreno na batalha de Kursk.

4.2 O TEMPO CEDIDO PARA A PREPARAÇÃO DA POSIÇÃO DEFENSIVA

Nas operações defensivas cabe ao defensor tentar anular de todas formas possíveis essa vantagem estratégica que o atacante possui. Para executar essa missão, é de suma importância um plano defensivo bem definido, para que a tropa que defende possa explorar as vulnerabilidades do inimigo. O planejamento é de destacada relevância, pois dessa maneira o defensor pode utilizar da melhor forma o terreno e também pode se preparar sua defesa para os diversos tipos de tropa. Segundo o Manual de Operações Ofensivas e Defensivas:

O defensor esforça-se para diminuir as vantagens pertinentes ao atacante, escolhendo uma área de engajamento, forçando-o a reagir em conformidade com o plano defensivo e explorando suas vulnerabilidades e insucessos. Deve utilizar todas as vantagens que possua ou que possa vir a criar, assumindo riscos calculados, economizando forças para utilizá-las no momento e no local oportunos (BRASIL, 2017, p. 4-2).

Durante operações defensivas, como fora para os russos a Operação Citadel, a boa utilização do tempo para a preparação da posição é de suma importância. Logo, pelo ponto de vista alemão, a partir da formação do saliente de Kursk, o ataque ao mesmo deveria ser rápido, para que o inimigo tivesse menor tempo possível para ficar em condições de reter o avanço germânico. Os generais alemães possuíam esse conhecimento, inclusive “o superior de Von Manstein e Model, Von Kluge, estava ansioso para atacar imediatamente o saliente de Kursk, antes que os russos pudessem fortalecer suas defesas” (BARNETT, 1990, p. 327).

Entretanto, devido basicamente a indecisão de Hitler sobre o possível sucesso do ataque e outros motivos, o que ocorreu foi o contrário e os alemães cederam tempo mais que suficiente para os russos se prepararem. O saliente se formou em meados de março e o ataque à Kursk só ocorreu no início de junho, ou seja, aproximadamente dois meses e meio depois (CROSS, 2008). Considerando a importância da utilização do tempo os novos manuais do Exército Brasileiro discorrem sobre o tempo necessário para preparar uma posição defensiva, sendo quinze ou mais jornadas a posição defensiva é do tipo mais forte (BRASIL, 2017). Pode-se observar na figura abaixo extraída do Manual de Dados Médios de Planejamento.

Figura 03 – Tempo para preparação de posição defensiva

3.5.3 PRAZOS PARA ORGANIZAÇÃO DE POSIÇÃO DEFENSIVA

TIPO DE POSIÇÃO	TEMPO DE ORGANIZAÇÃO
Posição fortificada	15 ou mais jornadas
Posição organizada	igual ou maior que 5 e menor do que 15 jornadas
Posição sumariamente organizada	igual ou maior que 1 e menor do que 5 jornadas
Resistências descontínuas	mínimo de 6 h e menos do que 1 jornada

Fonte: BRASIL (2017)

Hitler, após a demonstração de vários planos de batalhas que os marechais alemães apresentaram para ele, assinou a ordem nº 6 que detinha os planos de operações já explicitadas neste trabalho, não agradando o Marechal Manstein e nem os generais que não concordavam com um ataque a uma posição estática. Sobre a data “ordem de nº 6 deixou a data de Citadel a ser determinada, meramente declarando que ‘a data mai próxima’ para a operação seria 3 de maio, a qual está no limite de tempo estipulado por Manstein para o lançamento da operação” (CROSS, 2008, p. 102).

Devido ao fato dos diversos pedidos de seus generais para que a operação fosse cancelada, Hitler, atrasava o início das operações, mesmo orientado que qualquer indecisão ou demora no início das operações poderia prejudicar sobremaneira a manobra ofensiva proporcionando mais tempo para que os russos preparassem suas posições defensivas. Sobre esses atrasados, Cross relata:

Na verdade, eles opuseram-se a qualquer demora adicional, afirmando que o único beneficiado de um adiamento seria o Exército Vermelho, trabalhando duro no fortalecimento do seu já formidável sistema defensivo dentro do saliente de Kursk. No entanto, a conferência de três horas teve o efeito de causar outra demora. Hitler adiou a data de Citadel para meados de junho (CROSS, 2008, p. 105).

Mesmo orientado diversas vezes por seus assessores, o Chanceler alemão “ansiosamente aguardando a chegada em massa dos *Panthers*, Hitler não conseguia decidir-se. Como aconteceu antes em sua carreira política e militar, um período longo de vacilação era seguido de uma decisão final, irrevogável” (CROSS, 2008, p. 102).

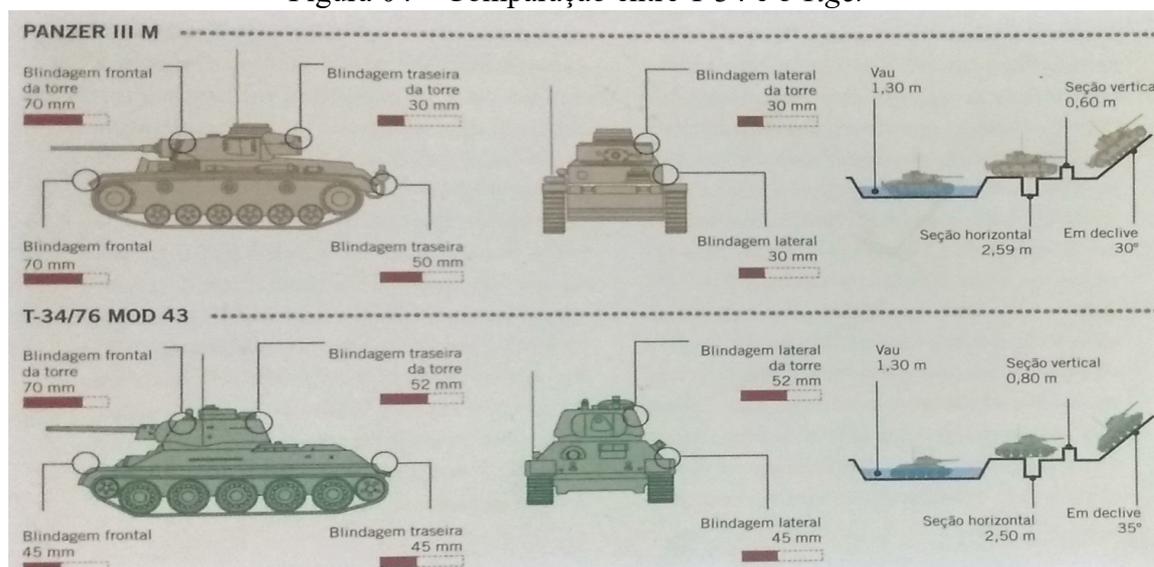
Hitler aguardava seu mais novo carro de combate, pois seus *panzers* eram inferiores ao blindado russo T34. Este carro de combate russo mostrou-se uma formidável máquina de guerra na Segunda Guerra Mundial, segundo Lacerda e Savian foi “um dos que mais se destacou [...] pesava 30 toneladas, podia desenvolver uma velocidade de 55 km/h e era dotado de um canhão de 76,2 mm” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 279). Possuía uma notável agilidade e autonomia, que se faziam possíveis devido à sua revolucionária blindagem inclinada, segundo Cross “a blindagem inclinada, a velocidade e a facilidade de manobra do

T-34 provocaram mudanças profunda no projeto de carro-de-combate (sic). A princípio, considerações sérias foram feitas sobre a produção de uma cópia alemã” (CROSS, 2009, p. 58). Os alemães desejavam uma cópia, pois o T-34 se mostrou superior aos *Panzers* I, II e III devido as características móveis e seu potente canhão, segundo a Coletânea 70º Aniversário da II Guerra Mundial, “sua blindagem inclinada, o motor potente e semilagartas (sic) largas permitiam uma combinação entre poder de fogo, mobilidade e projeção” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 23) Ainda sobre o T-34, Cross destaca:

Que permitia altas velocidades [...] um resistente motor diesel [...] autonomia de 300 km, três vezes mais que o *Tiger* e o *Panther*, de importância crucial nos grandes espaços da União Soviética. A blindagem inclinada aumentou consideravelmente a resistência à penetração de projéteis, e um inovador canhão de cano longo, 76,2 mm, de alta velocidade, completou um projeto balanceado que combinou os requisitos básicos de poder de fogo, mobilidade e e proteção [...] o Exército Vermelho tinha um vencedor de guerras (CROSS, 2008, p. 78).

Ainda sobre comparação do T-34 com o *Panzer* III segue imagem.

Figura 04 – Comparação entre T-34 e o *Tiger*



Fonte: CARDONA; JURADO (2009)

A *Wehrmacht* necessitava de um armamento superior ao dos russos. Sendo assim, resolveram investir no desenvolvimento de dois blindados que pudessem atender essa demanda: o *Tiger* e o *Panther*, segundo Cross “a decisão tomada foi a de continuar com a produção do pesado carro-de-combate (sic) PzKw VI *Tiger* I, de 60 toneladas [...] e projetar um carro-de-combate (sic) mais leve, o PzKw V *Panther*, pesando 45 toneladas, que incorporaria as excelentes características do T-34” (CROSS, 2009, p. 58).

Inspirado na mobilidade do T-34, o modelo *Panther* era mais leve e manobrável e do que o pesado *Tiger*, o *Panther* foi considerado mais letal do que os outros blindados da época, segundo Lacerda e Savian, o *Panther* era “superior aos blindados aliados, que pesava 45,5 toneladas, desenvolvia uma velocidade de 46 Km/h e era dotado de um canhão de 75 mm” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 279).

Já o *Tiger* possuía uma potência de fogo capaz de perfurar facilmente as blindagens russa e detinha uma formidável proteção blindada, o que lhe garantia fama necessária para amedrontar os soldados soviéticos, segundo Cross o *Tiger* era “um carro-de-combate (sic) pesado de ‘ruptura’[...] resultando em um projeto para um carro-de-combate (sic) pesado capaz de montar o formidável canhão 88 mm de alta velocidade [...] e blindagem suficiente para resistir a todas as armas anticarro presentes e futuras” (CROSS, 2008, p. 59). Ainda sobre esses dois blindados, a Coletânea de 70º aniversário da Segunda Guerra Mundial ressalta que:

O *Tiger* era uma máquina muito pesada, fortemente blindada e artilhada com uma peça de 88 mm. Quase indestrutível e capaz de vencer seus inimigos a longa distância; era devastador. Mas sua mobilidade era muito restrita, pois era muito lento e pouco manobrável. Depositava-se mais confiança no emprego dos *Panthers*, que tiveram sua utilização em combate inaugurada em Krusk. Era um tanque médio, inspirado no T-34 russo, mas tecnologicamente superior a ele. Muito mais rápido e manobrável do que o *Tiger*, tinha um canhão de 75 mm que atemorizava o inimigo. Entretanto, também era um modelo imaturo, com problemas mecânicos tão sérios que, de fato, a maioria de suas perdas durante a batalha deveu-se avarias (CARDONA; JURADO, 2009, p. 79).

Entretanto esses novos blindados ainda estavam em produção quando se iniciava a Operação Citadel e a maioria dos blindados que seriam utilizados nesse teatro de operações seriam os já ultrapassados *Panzer* III e IV, segundo Coletânea de 70º aniversário da Segunda Guerra Mundial “Os modelos realmente novos, os *Panzers* V, *Panther* e *Panzer* VI *Tiger* somavam apenas 15%” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 76). Entretanto, mesmo com poucas unidades, o *Panther* e o *Tiger* foram subestimados pelos soviéticos e mostraram-se altamente letais, segundo o mesmo autor, “os novos tanques alemães *Tiger* e *Panther* chegaram à frente de batalha em números tão pequenos, que os soviéticos não estimaram o perigo que representavam, um erro que custaria a vida de muitas tripulações de T-34 e veículos destruídos” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 25).

A produção destes exímios equipamentos demandavam tempo, do qual os russos aproveitaram para preparar suas posições defensivas, segundo a coletânea de 70º aniversário da Segunda Guerra Mundial “toda a esperança de ataque foi depositada em sua superioridade qualitativa. Os sucessivos adiamentos do ataque a Kursk ocorreram justamente porque os

alemães buscavam reunir um número suficiente de tanques” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 76). Ainda sobre a demora da produção e operacionalidade dos blindados, Barnett destaca que:

O aumento do poder dos canhões e o reforço da blindagem dos tanques existentes atrasara-se muito e os novos tanques médios (Panteras) e pesados (Tigres), construídos para enfrentar os KVIs e T34s, só lentamente entravam em serviço e, como toda maquinaria nova, sofriam de problemas de engrenagem (Barnett, 1990, p. 433).

Tal demora por tomada de decisão, somada com a espera em demasia pelos novos blindados, permitiu aos russos a respeitar o fundamento da utilização do tempo disponível de tal forma que construíram uma posição defensiva tão formidável que tornou o terreno não favorável para emprego de blindados. Segundo narrativa de Barnett:

A demora em eliminar esse saliente acabou por tornar-se fatal. Sua destruição devia ser o objetivo da ofensiva de verão alemã em 1943, a Operação Citadel [...]. Planejou-se iniciar a ação logo que o terreno ficasse suficientemente seco, em maio, mas, contra os conselhos de ambos os comandantes de grupos de exército, Hitler resolveu adia-la até junho, a fim de reforçar as divisões *panzer* com mais tanques novos dos tipos Tigre e Pantera (BARNETT, 1990, p. 258).

Os obstáculos colocados não permitiram aos *panzers* usufruírem de sua mobilidade e por consequência atrapalhou de sobremaneira que os chefes militares utilizassem fator surpresa. Dessa forma dois dos três fundamentos de Guderian para um ataque de blindados não foram respeitados. Neste capítulo abordaremos de que forma os soviéticos se prepararam para conter o ímpeto alemão, tirando do mesmo a oportunidade de empregar sua doutrina na plenitude.

4.3. O TERRENO PREPARADO PARA KURSK

Com o tempo que os alemães cederam aos russos, eles trabalharam de forma a obter a melhor preparação possível. Pouco antes da operação, enquanto generais alemães estudavam os reconhecimentos do sistema defensivo russo, os alemães se impressionaram com sistema defensivo russo, segundo Cross, “Model era um general combatente e um favorito de Hitler [...] não gostou do que viu. Originalmente, estava confiante de que o IX Exército podia atravessar as defesas russas em dois dias. Agora não estava certo” (CROSS, 2008, p. 103).

Manstein, fiel seguidor dos princípios doutrinários, não queria que seus blindados atacassem através de um terreno desfavorável e por diversas vezes tentou convencer o *Führer* de que o terreno de Kursk não permitiria a mobilidade necessária para os *panzers* alemães.

Nessas discussões enfrentou Hitler diversas vezes para tentar evitar o desastre completo para a *Wehrmacht*, segundo Barnett, o que ocorreu foi:

A discussão entre Manstein e Hitler sobre estratégia continuou durante todo esse período, mostrando os fatos que o julgamento de Hitler estava errado e que o desastre só era evitado pelo espírito de resolução e pela habilidade de Manstein na movimentação de suas forças. Fiel à sua crença na necessidade de seguir uma estratégia móvel, objetivando a destruição das forças inimigas (BARNETT, 1990, p. 256).

As posições defensivas que atormentaram o general alemão eram extremamente sólidas, possuíam várias linhas defensivas que se apoiavam e dificultavam sobremaneira uma penetração alemã. Segundo coletânea de 70º aniversário da Segunda Guerra Mundial “para tirar o máximo de proveito eram traçados até oito anéis sucessivos de fortificações” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 88). Como descreve Cross em seu livro “Posições dianteiras estendiam-se até 80 km para a retaguarda [...]. Desse modo, a defesa russa apoiava-se em oito linhas escalonadas de defesa, alcançando mais de 150 km na retaguarda” (CROSS, 2008, p. 136). Segundo o mesmo autor, os russos construíam a posição de forma tal que:

Prioridade seria dada para a construção de um sistema defensivo profundamente escalonado, dentro do saliente de Kursk [...]. As tropas deveriam entrincheira-se, uma tarefa para a qual eles estavam perfeitamente ajustados por temperamento e experiência. Ao mesmo tempo, a estratégia defensiva soviética seria reforçada com a criação de uma poderosa reserva no leste de Kursk (CROSS, 2008, p. 118).

Sabendo das características do emprego de blindados pelos alemães, os russos planejaram formas de retirar ou reduzir a mobilidade característica dessa tropa para evitar que os alemães utilizassem a manobra. A forma pelo qual os soviéticos atingiram esse objetivo, segundo Cross, foi com a implementação dos “chamados de ‘pontos de resistência anticarro’, *protivotankovyye opornyye punkty* ou PTOP” (CROSS, 2008, p.136). Para que esses pontos funcionassem era necessário canalizar o movimento inimigo, sendo assim os soviéticos intuíram todos seus soldados na instalação de minas, segundo Cross a “infantaria, equipe de canhões e tripulações de carro-de-combate (sic) [...] na colocação e remoção de minas, que os soviéticos agora consideravam uma arma de massa e indispensável para todas as tropas terrestres”(CROSS, 2008, p. 135). As posições defensivas funcionavam, segundo Lacerda e Savian:

Basicamente, os russos estabeleceram sistemas defensivos profundos, fortemente minados, constituídos de pontos fortes, capazes de lançar fogos em todas as direções e de se apoiarem mutuamente. Tropas, inclusive blindadas, ficavam normalmente à retaguarda, em condições de realizar contra-ataques. Quando o inimigo atacava, os russos procuravam, por meio dos campos minados e outros obstáculos (naturais ou artificiais), canalizar as colunas blindadas adversárias para pontos fortes fartamente munidos de armas anticarro (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 296).

Esses pontos fortes eram bem distribuídos e conseguiam apoiar-se mutuamente, pois “eles eram colocados em estilo de tabuleiro de damas, por meio dos salientes, em intervalos de 0,5 Km” (CROSS, 2008, p. 136). Os russos tentavam usar da surpresa, por isso “os PTOp [...] eram camuflados com grande habilidade. Quando a batalha começou, nem o campo minado e nem o PTOp podiam ser descobertos, até o carro-de-combate (sic) principal explodir” (CROSS, 2008, p. 137).

Sabendo que a mobilidade e qualidade técnica dos novos blindados germânicos eram superiores, os russos empenharam-se em desgastar os alemães e em retirar destes uma de suas principais características que era a mobilidade, os soviéticos obtiveram sucesso nesse objetivo devido à preparação prévia do terreno que, a grande quantidade de obstáculos e pontos de resistência, não permitiu que os alemães usufríssem da manobra a seu favor. Segundo a coletânea 70º Aniversário da II Guerra Mundial “os soviéticos sabiam que suas armas antitanque não podiam enfrentar a maioria dos tanques alemães. Por isso, em Kursk, basearam a defesa no uso de campos minados em larga escala” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 127).

A quantidade total de meios empregados para a posição defensiva foi gigantesco, segundo a coletânea de 70º Aniversário da Segunda Guerra Mundial “o volume de meios defensivos ali posicionados indica que foram utilizados, nos três anéis, cerca de 945 mil minas antipessoais e antitanque, construídos perto de 740 quilômetros de valas antitanque e estendidos aproximadamente 700 quilômetros de arnes farpados” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 92). No trecho abaixo Cross também cita a quantidade de material utilizado, analisando a concentração em determinada aérea:

Conforme os blindados alemães moviam-se com dificuldade pelas defesas russas [...] seriam emaranhados em uma teia de fossos anticarro, escarpas e contra-escarpas (sic), morteiros, bloco de estradas e campos minados. A colocação de campos minados era a tarefa principal dos engenheiros nos salientes; eles fincaram mais de um milhão de minas antipessoais e anticarros, ergueram 800 km de arnes farpado e construíram miríades de outras obstruções anticarro. Fontes soviéticas estimam que, em média, a densidade do campo minado era de 2.400 minas anticarros e 2.700 minas antipessoais por 1,5 km de frente, mais ou menos uma a cada 30 cm (CROSS, 2008, p. 135).

Mesmo com diferença entre os valores citados pelas fontes, é perceptível a extensa densidade da posição russa. Quanto mais densa a posição defensiva, mais é prejudicada o avanço das tropas blindadas, tendo em vista que maior deverá ser o esforço para ultrapassá-las. Ainda sobre a densidade e a solidez da posição defensiva segue imagem extraída da coletânea de 70º Aniversário da Segunda Guerra Mundial.

Figura 05 – Densidade de forças da posição defensiva em Kursk

DEFESAS SOVIÉTICAS	
8	linhas de trincheiras com mais de 150 km de profundidade
Densidade por km ²	9 canhões antitanque 
	22 peças de outros tipos (60 contando com morteiros)
	Quase 2 mil minas 
	6 veículos de combate 
	Quase 6 mil soldados 

Fonte: CARDONA; JURADO (2009)

O campo minado era muito prejudicial aos blindados, pois além de danificar o material, as minas retiraram a mobilidade e canalizam o movimento da tropa que ataca. Guderian, muito tempo antes da Segunda Guerra Mundial ter início, já alertava para o perigo dos campos minados, inclusive ele defendia que deveria haver preparação prévia do terreno e a retirada dos artefatos explosivos. Segundo Guderian:

Se existem minas protegendo a posição, poderão cobrar alto preço aos nossos carros. Entretanto, as minas devem ser consideradas como obstáculos extremamente perigosos e devemos retirá-las pelo menos em parte, antes que o assalto blindado propriamente dito irrompa na zona de combate (GUDERIAN, 2009, p. 219).

Os russos colocaram tantos obstáculos e pontos fortes que tornaram o terreno não favorável para o ataque de blindados. Os soviéticos não permitiram a correta utilização da manobra pelos alemães, pois lhe negaram a mobilidade. Esses fatos dificultariam para que os alemães pudessem usufruir do elemento surpresa, que no próximo capítulo é alvo de estudo deste trabalho.

5 A SURPRESA, A RAPIDEZ E A AÇÃO DE CHOQUE

Guderian, em sua obra, afirmou que a surpresa “é o terceiro pré-requisito para se obter vitória completa na ofensiva. Desde tempos imemoriais têm sido destacada a autoconfiança dos comandantes que exploram o princípio da surpresa” (GUDERIAN, 2009, p.155). Ainda sobre essa conjuntura segundo Barnett em seu capítulo sobre Guderian, este afirmava que “a metodologia de seu engajamento não é de batalhas prolongadas, mas de operações curtas e oportunas, lançadas através de ordens curtas. O princípio da surpresa, a fim de evitar ou obstar a ação defensiva inimiga” (BARNETT, 1990, p. 423).

O emprego da surpresa para tropas que estão na ofensiva não ficou no passado, Os manuais hodiernos ainda relatam como um dos princípios de guerra o emprego da surpresa, o C 100-5 destaca que utilizando o princípio da surpresa o inimigo sofrerá o máximo de danos sem poder empregar seus meios de forma a proporcionar uma resposta eficiente a agressão que sofre, pois não estará organizado para tal (BRASIL, 1997, p. 4-5). O mesmo manual afirma que sempre que possível “atinga o inimigo num tempo, local ou maneira para os quais ele esteja despreparado” (BRASIL, 1997, p. 4-5). Outro manual do Exército que destaca o uso da surpresa é o C 2-1, citando que “para que a manobra tenha as maiores probabilidades de êxito, deve ser priorizado o fator surpresa” (BRASIL, 1999, p. 2-24).

Voltando para os campos de batalhas da Segunda Guerra Mundial, e transcorrendo o que está na teoria para a prática, é possível perceber como outro general alemão, o Marechal Erwin Rommel, utilizou esse princípio de forma exitosa. Como relatado no livro de Barnett sobre a conquista da França, quando Rommel obteve sucesso em um ataque de surpresa contra os ingleses: “no dia 21 de junho, em um ataque inesperado, tomou a semidestruída fortaleza de Tobruk (defendida por Auchinleck a instâncias de Churchill), capturando mais de 30 mil prisioneiros. Hitler, nesse momento, promoveu-o a Marechal-de-Campo (sic) — aos 49 anos de idade, o mais jovem do Exército alemão” (BARNETT, 1990, p. 310). Rommel foi um dos generais alemães que mais utilizava do princípio da surpresa, talvez por isso tenha obtido tanto sucesso nas operações ofensivas, mesmo por diversas vezes combatendo em desvantagem, segundo Barnett, “a ousadia, o uso da surpresa, a disposição de assumir riscos e senso de intuição no campo de batalha foram as características do exercício de comando por Rommel. Embora freqüentemente operasse em desvantagem, incluindo recursos inferiores aos de seus adversários” (BARNETT, 1990, p. 301). A mobilidade é a característica que uma tropa necessita possuir para melhor aproveitar o princípio da surpresa, segundo o C 100-5, “a

mobilidade específica de cada Força deverá ser explorada para o atendimento deste princípio” (BRASIL, 1997, p. 4-5).

A tropa que possui melhor mobilidade no campo de batalha é a cavalaria através de seus blindados, segundo o Manual Emprego da Cavalaria “mobilidade – é a característica primordial da Cavalaria, a que lhe permite a realização de manobras rápidas e flexíveis em terreno diversificados, bem como a obtenção, no mais alto grau, dos efeitos da surpresa. Entende-se por mobilidade a faculdade de poder:(a) deslocar-se com rapidez” (BRASIL, 1999, p. 2-4). Por esse fator que a surpresa está correlacionada com o terreno, pois uma tropa que avança lentamente devido a um terreno não favorável não consegue usufruir desse fundamento.

A mobilidade gera a rapidez necessária para que o atacante possa surpreender o inimigo, que despreparado não conseguirá reagir a contento. Guderian não apenas tratou da rapidez na ofensiva para obtenção da surpresa como fator de contribuição, mas também como fator essencial, pois a falta dela torna o blindado em um alvo fácil, segundo ele em sua obra: “os carros de combate a Primeira Guerra Mundial eram lentos, e podia-se abortar ataque blindado apenas pelo fogo concentrado da artilharia” (GUDERIAN, 2009, p. 93). Logo, quanto mais rápido o ataque de surpresa, menor era a possibilidade do inimigo conseguir reorganizar-se e resistir à ofensiva. A lentidão nas operações era uma crítica do marechal ao exército do Reich na Primeira Guerra Mundial que possuía poucos meios blindados móveis. Em sua obra observou:

Por algum tempo, os alemães mantiveram a iniciativa, mas nunca foram capazes de obter a pretendida ruptura. O avanço das divisões de infantaria alemãs perdia a impulsão enquanto cruzava as crateras do velho campo de batalha do Somme, e o inimigo foi gradativamente capaz de conter o ataque, mormente por possuir meios de transporte motorizado no nível dos grupos de exército (GUDERIAN, 2009, p. 114).

Os alemães aprenderam a dura lição e na Segunda Guerra Mundial associaram esses conceitos e foram vitoriosos, ganhando rapidamente muito terreno e fazendo milhares de prisioneiros em poucos dias. Em trecho do livro de Barnett dedicado à Erwin Rommel destaca uma curiosidade:

Chegando à costa entre Fécamp e Saint-Valéry-en-Caux, aí encurralando forças britânicas e francesas que procuravam embarcar para a Inglaterra. No dia 12 de junho cerca de 20 mil soldados — os números variam muito — renderam-se, e um general francês que se entregava disse-lhe: “O senhor é rápido demais para nós (BARNETT, 1990, p. 306).

O blindado devido à sua mobilidade e poder de fogo é uma fenomenal arma de ataque, pois a soma da rapidez ao poder de fogo cria a ação de choque, segundo o manual C 2-1, “a ação de choque decorre, particularmente, da combinação da potência de fogo com o rápido movimento dos carros de combate. Depende, portanto, da surpresa obtida pela mobilidade” (BRASIL, 1999, p. 7-2). Considerando que o blindado consegue somar ação de choque com elemento surpresa, este é uma emblemática ferramenta ofensiva. Segundo Guderian em sua obra “o carro de combate corporifica o poder ofensivo e, empregado como foi [...] combinado com o elemento surpresa, cobrou aos defensores alto preço em sangue e moral” (GUDERIAN, 2009, p. 132).

Depois de surpreender o inimigo, o papel da ação de choque é gerar o máximo de dano e dessa forma inviabilizar a reorganização inimiga ou até mesmo destruir o oponente. Esse poder de choque agora seria viabilizado pelos blindados e não mais pelas baionetas como fora em outras guerras, segundo Barnett, Guderian “formulou uma filosofia e uma doutrina que [...] baseando as conclusões sobre o tema do ‘soco dinâmico’ (*Stosskraft*), no qual, disse, o soco dinâmico das futuras unidades de batalha seria desfechado pelo tanque e não, como no passado, pela baioneta, a metralhadora ou a artilharia” (BARNETT, 1990, p. 422). O “soco dinâmico” seria o que hoje chamamos de ação de choque.

5.1 A SURPRESA EM KURSK

Para a obtenção da ação de choque é necessário a surpresa que deriva de uma boa mobilidade, segundo o C 2-1 “ação de choque – Resulta da combinação da potência de fogo com o rápido movimento das viaturas blindadas. A ação de choque depende da surpresa obtida pela mobilidade e pelo emprego do armamento das viaturas blindadas” (BRASIL, 1999, p. 8-2).

Mesmo a agilidade sendo de suma importância, há ainda outros fatores que devem ser atendidos para a obtenção da surpresa e são correlacionados em dois grupos de notável relevância: o primeiro grupo é composto pela confidencialidade de documentos e informações, bem como tentar ao máximo ludibriar o inimigo sobre suas reais intenções. Já o segundo grupo é constituído pela não perseguição a objetivos que sejam óbvios para o inimigo, bem como a audácia de atacar em ponto no qual o inimigo não esteja esperando. Segundo o manual C 100-5, “a obtenção da surpresa depende de:(1) Originalidade;(2) Audácia nas ações;(3) Velocidade de execução;(4) Sigilo; e(5) Dissimulação de intenções”

(BRASIL, 1997, p. 4-6). Este trabalho abordará como esses fatores foram ou não atendidos em Kursk.

Originalidade tem como não se tornar previsível para o inimigo. Guderian também acreditava que possuir originalidade era fator essencial para surpresa. Segundo Barnett, sobre a Operação Citadel, Heinz não mediu “seus esforços para dissuadir Hitler de cometer a loucura de atacar, sem o benefício da surpresa, um objetivo tão óbvio como Kursk em julho de 1944” (BARNETT, 1990, p. 433). Por ser um objetivo lógico na frente oriental, os russos já sabiam das possíveis intenções de um ataque alemão. Fato este que contribuiu para que o serviço de inteligência soviético trabalhasse de forma a descobrir as intenções e planos de ataque germânicos, sendo este trabalho executado de forma tão perfeita que assustou os generais alemães, conforme é possível perceber nas conclusões de Heinz Guderian sobre o reconhecimento aéreo:

Os russos estavam preparando posições defensivas fundas e muito fortes, exatamente naquelas áreas por onde o ataque dos dois grupos de exército entraria. Os russos já haviam retirado o grosso de suas formações móveis da área frontal do saliente; em antecipação a um ataque de pinça, como nosso plano propunha. Eles fortaleceram os pontos de nossas possíveis rupturas (CROSS, 2008, p. 104).

Não há dúvidas que os alemães foram audaciosos durante essa ação ofensiva, pois Hitler atacaria uma posição fortemente defendida, empregando para tal quase todo seu efetivo. Houve audácia que, segundo Cross “Hitler [...] estava agora apostando tudo em uma única jogada de dado, arriscando o capital ativo de dois exércitos, que, no momento da derrota, não poderiam ser substituídos. Não haveria segunda chance. Não haveria reservas. E não haveria plano alternativo” (CROSS, 2008, p. 151). Há de se ter muita coragem para arriscar tudo contra uma formidável posição defensiva. Em primeiro momento, tamanha audácia chega a se confundir com loucura.

Para possuir velocidade de execução é necessário a mobilidade, tendo em vista que mover-se rapidamente e executar uma guerra de movimento é essencial para obter o efeito surpresa. Este trabalho já abordou como os russos prepararam o terreno de forma a impedir a mobilidade e, por consequência, o emprego de uma guerra de movimento pelos alemães. Segundo o C 100-5 guerra de movimento significa que:

Este conceito preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas extremamente rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas; o quadro tático resultante distingue-se por um grande dinamismo, pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e, finalmente, pelo caráter fundamental da iniciativa, em todos os níveis de comando (BRASIL, 1997, p. 4-7).

Os alemães não conseguiram manter o sigilo das informações. Era improvável que os marechais russos tivessem uma leitura tão perfeita da situação que planejassem seu posicionamento defensivo exatamente no local onde os alemães visavam atacar, o que acontecia na verdade é que por intermédio da inteligência russa, Stalin sabia todos os planos dos alemães, segundo Cross “o Alto-comando soviético [...] havia se mantido informado de toda torção e virada no debate de Citadel” (CROSS, 2008, p. 108). As fontes eram de excelente qualidade, segundo a Coletânea 70º aniversário da II Guerra Mundial “os soviéticos contavam com a melhor rede de informações sobre os planos dos alemães do que o inimigo tinha sobre o Exército Vermelho, o que indicava uma grande vantagem” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 93).

Quem forneceu as informações necessárias para os russos montar seu plano defensivo foram os britânicos através do programa denominado Ultra, esta foi “a fonte de inteligência derivada da interceptação e decodificação de tráfego codificado alemão, pela Escola de Códigos e Cifras do governo, em Bletchey Park – um dos excelentes triunfos técnicos britânicos da guerra” (CROSS, 2008, p. 108). Um dos motivos que levaram os alemães a não perceber que seu código fora quebrado era a crença em ser impossível decodificar o complexo funcionamento de seu aparelho de criptografia, que resumidamente era:

Exteriormente, a máquina do Enigma assemelhava-se a uma máquina de escrever portátil, mas seu interior era bem mais complexo. Quando uma de suas teclas era pressionada, um sistema interno de engrenagens fornecia, a qualquer entrada de letra, um caractere alternativo que não seria logicamente repetido antes de outros 200 trilhões de pressionamentos. Os alemães estavam seguros de que as mensagens codificadas do Enigma, do qual nenhum padrão aparente podia ser discernido, eram indecifráveis (CROSS, 2008, p. 108).

Porém o projeto Ultra foi capaz de descobrir a forma de como os alemães criptografavam suas mensagens através do equipamento Enigma. Os serviços de inteligência francês e polonês auxiliaram os britânicos a explorarem as deficiências do aparelho e com a ajuda de brilhantes matemáticos conseguiram desvendar os segredos alemães (CROSS, 2008). O projeto deu tão certo que “muitas mensagens no código do Enigma estavam sendo lidas em ‘tempo real’. Até o fim da guerra, os alemães permaneceram desavisados de que seu código tinha sido quebrado” (CROSS, 2008, p. 108).

Tranquilos e desavisados sobre as interceptações de suas mensagens pelos inimigos, os marechais alemães discutiram intensamente por meses sobre a necessidade da operação, bem como que de forma ele deveria ser conduzida, esse cenário tornava-se perfeito para os britânicos e russos, pois “quanto mais longas as preparações e maiores as discordâncias dentro

do Alto-Comando alemão, mais numerosos eram os sinais a serem interceptados, decifrados e usados” (CROSS, 2008, p. 110). Com o codinome “Lucy”, os britânicos interceptavam grande número de informações e passavam aos russos, logo “sobre a preparação para Citadel, Stalin era mantido informado de cada novo desenvolvimento, Nenhuma outra fonte de inteligência podia fornecer tal riqueza de informações precisas” (CROSS, 2008, p. 110). Todo o planejamento defensivo russo surgiu das informações cedidas pelo projeto Ultra, conforme trecho abaixo:

Os planos da *Stavka* para a luta do verão vieram da decisão, tomada em 12 de abril, de lutar uma batalha defensiva. Isso aconteceu três dias antes de Hitler assinar a Ordem de Operações nº 6 que, graças a Lucy, provavelmente estava nas mãos de Stalin antes de alcançar os generais da linha de frente do *Führer* (CROSS, 2008, p. 143).

As informações que os russos detinham eram muito precisas e horas antes ao ataque de Kursk. Com os russos sabendo dos planos de batalha alemães, era impossível manter o sigilo das operações e os soviéticos ainda conseguiram capturar um soldado alemão que acabou informando o horário do início do ataque, fato este que proporcionou aos russos lançar um maciço bombardeio nas posições iniciais alemãs.

Com um maciço fogo de artilharia inimiga sobre suas posições de partidas. Além dos danos causados pela tempestade de fogo, aquele foi um mau sinal para os alemães – sem dúvida, os soviéticos sabiam de seus planos. Não havia mais o fator-surpresa e somente se podia contar com a superior capacidade tática alemã e com os novos tanques para tentar superar esse gravíssimo contratempo (CARDONA; JURADO, 2009, p. 99).

Segundo o Manual de Operações Ofensivas e Defensivas do Exército Brasileiro: “todo esforço deve ser feito para eliminar a capacidade de reação do inimigo à manobra planejada. A cobertura e a dissimulação [...] constituem alguns dos processos utilizados para reduzir o poder de combate do inimigo” (BRASIL, 2017, p. 3-3). A coberta e a dissimulação são utilizados para que o inimigo não perceba o avanço da tropa e seja atacado de surpresa, não permitindo que reaja de forma eficiente.

Nem sobre os novos blindados os germânicos dissimularam suas intenções, essa falha sobre elemento surpresa que acabou influenciando posteriormente na Batalha de Kursk, foi durante a Batalha de Leningrado, na qual Hitler decidiu utilizar prematuramente seu novo blindado, o *Tiger*, já citado neste trabalho, em vez de utilizá-lo em massa e aterrorizar os inimigos com a presença de uma nova plataforma de combate, o *Führer* resolveu empregá-los de forma imprudente, de forma descentralizada em pequenas unidades e em terreno desfavorável, não respeitando os fundamentos de Guderian e fracassando no ataque. Porém o

prejuízo maior foi o fato que acabou apresentando aos russos o seu mais novo modelo de carro de combate. Segundo Cross, tal fato ocorreu da seguinte forma:

Como um menino, com um trem de brinquedo, Hitler sempre queria usar suas novas armas assim que estivessem disponíveis, ignorando as vantagens da surpresa e emprego da massa em condições favoráveis. Em vez disso, o primeiro lote de *Tigers* foi lançado, em ação, na operação secundária nas florestas pantanosas, próximas de Leningrado, onde o terreno era bastante inadequado. Arrastando-se em fila indiana ao longo dos caminhos da floresta, os *Tigers* foram abatidos por canhões anticarros-de-combate (sic) russos (CROSS, 2008, p. 60).

Dado o exposto, verifica-se que o efeito da surpresa não foi possível. Devido ao fato de Citadel, embora tenha sido uma ação audaciosa, foi uma operação que: não tinha originalidade, por ser um objetivo lógico; a velocidade de execução foi extremamente prejudicado pela preparação do terreno pelos russos; seu sigilo foi quebrado pelo Projeto Ultra; e Hitler, diferentemente que seus oficiais generais, pouco preocupou-se em dissimular suas intenções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto verifica-se que Heinz Guderian, pai da doutrina de emprego de blindados da *Wehrmacht* durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu que os blindados seriam o diferencial nos combates. Além disso, o marechal alemão criou três princípios básicos para que um ataque com blindados obtivesse sucesso, sendo eles o emprego da massa, utilização do terreno favorável e o uso da surpresa

Ao longo deste trabalho percebe-se que o emprego da massa é concentrar poder de combate em local e horário pré estabelecidos, Em Kursk, é indubitável que os alemães concentraram grande poder de fogo, segundo a Coletânea 70º aniversário da II Guerra Mundial “por si só, era a mais poderosa força blindada já colocada em ação pelos alemães” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 101). Entretanto, não reuniram forças reservas o suficiente para manter impulso no ataque, bem como não possuíam reservas para segurar o poderoso contra-ataque soviético que foi deflagrado no final da batalha.

O fato dos russos possuírem uma reserva estratégica maior do que os alemães foi um dos pontos cruciais na derrota alemã em Kursk, pois ela não permitiu que os germânicos mantivessem a impulso no seu ataque, bem como resistissem aos contra-ataques russos. Como anotara Josef Goebbels em seu diário “a coisa deprimente é que não tínhamos a menor ideia do que Stalin tinha de reservas” (CROSS 2008, p. 218). O final da batalha trouxe sua consequência fatal de ter sido o início da ofensiva russa que terminou com a conquista de Berlim em 1945, segundo Cross:

Em Kursk, na consciência plena de que a força atacante era inferior ao inimigo, e que existiram reservas insuficientes para explorar qualquer sucesso. A operação parece ter contado com a suposição de que, como invariavelmente acontecia antes, os russos desmoronariam no primeiro choque. Pouco raciocínio foi dado para o que poderia acontecer se eles não o fizessem (CROSS, 2008, p. 232).

No que diz respeito a preparação do terreno, em Kursk, mais uma vez Hitler não deu atenção aos avisos de seus generais, pois havia uma formidável posição defensiva, com intensa concentração de minas no terreno, além do fato de que os russos cobriam por fogos os obstáculos. Segundo a coletânea de 70º aniversário da Segunda Guerra Mundial, na edição da Batalha de Kursk: “os campos minados foram organizados de forma muito inteligente, deixando lacunas livres para fazer o inimigo pensar que havia ultrapassado, e bem cobertos por fogo de metralhadoras e morteiros próprios para dificultar o avanço dos alemães” (CARDONA; JURADO, 2009, p. 93).

Analisando os aspectos supracitados e os comparando com o tipo de defesa pretendida pelos russos, que é a defesa em posição, e com os fundamentos das operações defensivas no tocante à preparação da posição, que são: apropriada utilização do terreno; apoio mútuo; defesa em todas as direções; defesa em profundidade (BRASIL, 2017, p. 4-3). Percebe-se que os soviéticos respeitaram esses conceitos e possuíam uma excelente posição defensiva que dificultou sobremaneira o avanço alemão. A coletânea de 70º aniversário da Segunda Guerra Mundial descreve de outros meios esses fatores em:

Embora a Batalha de Kursk tenha entrado para a história por seus espetaculares combates entre tanques, a verdade é que o avanço alemão foi consumido principalmente no labirinto de campos minados, trincheiras armadas com metralhadoras e morteiros, posicionamentos maciços de canhões antitanque e campos de tiro perfeitamente cobertos por todos os tipos de canhão e lança-foquetes. Os *Panzers* que, por fim, conseguissem ultrapassá-los estariam em grande inferioridade numérica diante dos tanques soviéticos (CARDONA; JURADO, 2009, p. 92).

O fator surpresa, tão defendido por Heinz Guderian, definitivamente não foi respeitado, pois três motivos básicos não permitiram aos alemães empregar a surpresa em sua plenitude. O primeiro foi o fato que tomar Kursk seria um objetivo lógico e o ataque alemão já era esperado; o segundo motivo era que os russos estavam informados sobre os planos e cada movimento dos alemães; e o terceiro está relacionado com a preparação do terreno feita pelos russos, pois esta diminui a mobilidade dos blindados e assim reduziu o fator surpresa.

As tropas alemãs chegaram próximo ao êxito, impuseram aos russos pesadíssimas baixas, porém foram desgastadas no caminho, pelo fato do terreno tornar-se impróprio para os blindados devido a boa preparação defensiva russa, que negou a mobilidade necessária para empregar a surpresa e aproveitar-se da ação de choque dos blindados. Após serem desgastada, a *Wehrmacht* sofreu um pesado contra-ataque, tornando impossível o sucesso da operação, segundo Cross, “a operação Citadel não era mais possível por causa da violência da contra-ofensiva inimiga” (CROSS, 2008, p. 227).

A não observância do emprego da massa, da utilização de terreno favorável e da surpresa, ou seja, os três princípios destacados por Guderian, influenciaram na derrota alemã em Kursk. Tal revés mostrou-se irreversível e partir desse momento os germânicos não conseguiriam mais recuperar a ofensiva, selando-se assim o destino da Alemanha e o final da guerra.

As perdas russas foram devastadoras, porém sua reserva estratégica e sua grande capacidade produção bélica permitiram que as baixas fossem repostas, segundo Cross “as perdas em carros-de-combate (sic) das Frentes Central e de Voronezh, em Kursk, alcançaram

1.500 veículos, quase metade da frota de carro-de-combate com o qual eles começaram a batalha” (CROSS, 2008, p. 230).

Já os alemães, mesmo possuindo menores baixas, não tiveram como substituí-las, tanto em carros de combate, quanto em perdas humanas, pois além de sua produção industrial não poder atender à demanda, a reserva estratégica não foi montada conforme deveria. Segundo Cross “No fim de agosto, Manstein estava reclamando que, para as 133.000 baixas sofridas pelo Grupo do Exército Sul, em julho e agosto, só houve 33.000 substituições” (CROSS, 2008, p. 231). Segundo o mesmo autor:

As perdas do IV Exército *Panzer* assumem um significado horrendo quando se considera que isso era quase o número exato da produção de carros-de-combate (sic) mensal na Alemanha, que não alcançou os 1.000 por mês [...]. As perdas de blindados alemães totais na Frente do Leste alcançariam 645 carros-de-combate (sic) e 207 canhões de assalto. Como resultado, a reserva blindada central [...] estava agora dissipada e não podia ser reposta (CROSS, 2008, p. 230).

A consequência da derrota para a *Wehrmacht* foi devastadora, não conseguindo mais tomar a iniciativa das ações na Frente Leste até o final da guerra, segundo Cross após Kursk “não houve mais ofensivas importantes alemãs no leste” (CROSS, 2008, p. 250). Após a perda da maior batalha de blindados que o mundo já vira, o que sobrou aos alemães foi a pavimentação para a derrota na Segunda Guerra Mundial, devido ao fato que os aliados invadiram a Europa através da Itália, o poderoso Exército Vermelho avançaria contra seu território igual um “rolo compressor” e aproximadamente um ano depois, em 1944, os aliados desembarcariam na Normandia: o Reich estava cercado. Como General italiano Vittorio Ambrosio anunciou que após a batalha “a renúncia da iniciativa em operações. Em resumo, o Eixo está sitiado; está em um anel fechado; é necessário sair.” (CROSS, 2008, p. 227). Fato este que não ocorreu, o Eixo fora cercado e Berlim seria tomada pelos russos pouco tempo depois em 1945.

Cabe a reflexão para os dias hodiernos que de pouco vale possuir o melhor material militar, ou pessoal extremamente capacitado se as normas presentes na doutrina não são estritamente seguidas. A Força Terrestre trabalha arduamente para que ocorra as condições necessárias para o cumprimento do que está previsto na doutrina. Um exemplo é a aquisição da viatura Lince em substituição à viatura leve Marruá Tática de Reconhecimento, a última empregada atualmente pelos Pelotões de Cavalaria Mecanizado no Brasil. A Lince, ao contrário da Marruá, possui blindagem e enquadra-se na categoria de VBRL (Viatura Blindada de Reconhecimento Leve), já a Marruá enquadra-se na categoria VTL (Viatura de Transporte Leve). O que é previsto na doutrina, segundo o CI 2-36 O Pelotão de Cavalaria

Mecanizado, é que o Pelotão C Mec empregue em suas missões VBRL e não VTL (BRASIL, 2006, p. 1-5).

O estudo da história militar é de vital importância para a Força Terrestre. Batalhas e campanhas militares antigas devem ser lembradas e analisadas para que erros passados não sejam novamente cometidos, segundo Miguel de Cervantes, em sua obra clássica Dom Quixote, *“A história é émula do tempo, repositório dos factos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.”*

REFERÊNCIAS

- BARNETT, Correlli (Org). **Os Generais de Hitler**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- BRASIL, Ministério da Defesa, Exército Brasileiro. **C 2-1: Emprego da Cavalaria**. 2 ed. Brasília, DF, 1999.
- _____, Ministério da Defesa, Exército Brasileiro. **C 100-5: Operações**. 3 ed. Brasília, DF, 1997.
- _____, Ministério da Defesa, Exército Brasileiro. **CI 2-36: O Pelotão de Cavalaria Mecanizado**. Brasília, DF, 2006.
- _____, Ministério da Defesa, Exército Brasileiro. **EB60-ME-11.401: Dados Médios de Planejamento Escolar**. 1 ed. Brasília, DF, 2017.
- _____, Ministério da Defesa, Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.202: Operações Ofensivas e Defensivas**. 1 ed. Brasília, DF, 2017.
- _____, Ministério da Defesa, Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.203: Operações**. 5 ed. Brasília, DF, 2017.
- BURNS, E.M. **História da Civilização: Do Homem das Cavernas até a Bomba Atômica** Volume II. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1952.
- CROSS, Robin. **Citadel: A Batalha de Kursk**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, RJ, 2008.
- GUDERIAN, Heinz. **Achtung Panzer**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.
- JURADO, C.C; CARDONA, G. **70º Aniversário da II Guerra Mundial: 1943 Batalha de Kursk Marca o Colapso do Nazismo**. São Paulo: Abril Coleções, 2009.
- KAPLAN, Robert. **A Vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- MELLO, A. I. L. **Quem Tem Medo da Geopolítica?** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1999.
- SAVIAN, J. E; LACERDA, B. H. P. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral**. Resende: AMAN, 2015.
- USA, Army, Department of the Army. Office of the Chief of Military History. **As Grandes Decisões Estratégicas: Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2004.